

Millennium AGRO NEWS

#18

Dezembro 2023

Em análise

Fileira da Pinha e do Pinhão

Opinião

UNAC – Importância
da fileira do pinheiro-manso
Pinha – Visão de um produtor
Indústria da Pinha e do Pinhão

Notícias

Millennium bcp *sponsor* na 2.ª Edição
do LISBON AGRI CONFERENCES

Millennium
bcp Empresas

pág.

03

Editorial

Uma dinâmica para decidir e executar

pág.

05

Em análise

Fileira da Pinha e do Pinhão

01.

Síntese – Portugal

02.

Área de povoamentos de Pinheiro-manso

03.

Produção Nacional de Pinha de Pinheiro-manso

04.

Preços de venda e custos de apanha de Pinha e de Pinhão em Portugal

05.

Mercado Mundial de Pinhão

06.

Comércio Internacional de Pinhões

07.

Outlook

pág.

29

Opinião

UNAC – Importância da fileira do pinheiro-manso

Pinha – Visão de um produtor

Indústria da Pinha e do Pinhão

pág.

36

Notícias

Millennium bcp *sponsor* na 2.ª Edição do LISBON AGRI CONFERENCES



Uma dinâmica para decidir e executar



Nesta edição #18 da Millennium Agro News continuamos a centrar a nossa atenção no complexo agroflorestal e na análise das suas fileiras, contando com a colaboração científica da AGRO.GES – o nosso, já tradicional, parceiro nestas publicações.

O pinheiro-manso é uma das espécies florestais mais interessantes dessa economia agroflorestal. Ora assim sendo, detemo-nos por aqui, procurando identificar a cadeia de valor que compõe a fileira da Pinha e do Pinhão.

Com vista a ampliar o conhecimento sobre esta realidade e verificar o seu impacto no mundo rural, pedimos a colaboração da UNAC – União da Floresta Mediterrânica, que representa os interesses dos produtores florestais do espaço mediterrânico português junto das instituições nacionais e europeias, a quem agradecemos por todos os esforços desenvolvidos junto dos seus associados.

Caminhamos para o final de 2023, onde tivemos uma conjuntura complexa e adversa, face aos impactos da pandemia e da invasão da Ucrânia pela Rússia, com o forte agravamento da inflação a influenciar a vida das pessoas e das empresas. Desde o nosso último número foram vários os acontecimentos que se sucederam e que carecem de desenvolvimento a curto prazo.

No dia 7 novembro, o Primeiro-ministro, António Costa, apresentou a sua demissão, desencadeando-se desde então um conjunto de acontecimentos – como a aprovação do Orçamento do Estado para 2024, a demissão do Governo e o anúncio da dissolução do Parlamento – que culminaram no processo de antecipação de eleições legislativas, agendadas para 10 de março de 2024.

Exatamente no dia anterior, o Banco Português de Fomento (BPF) anunciou a intenção de iniciar a reorganização societária das Sociedades de Garantia Mútua (SGM), pela fusão por incorporação das sociedades atualmente existentes em apenas uma, assim apontando para que a Agrogarante, a SGM especializada e dedicada ao setor primário, seja extinta.

No plano da atividade do Ministério da Agricultura, já em dezembro, ficou concretizada a transferência administrativa das Direções Regionais da Agricultura e Pescas (DRAP) para as Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional (CCDR) e, apesar das hesitações iniciais, com a dilatação nos prazos dos pagamentos do Pedido Único, o ano 2023 assinalou o arranque nacional do PEPAC - Plano Estratégico da Política Agrícola Comum.

Numa breve síntese e nesta conjuntura de gestão corrente, com eleições legislativas no horizonte, é bem natural que o apontar de um rumo estratégico e a intensidade das decisões seja mais reduzida. Porém, para todos os envolvidos, a conjuntura tem a virtualidade de deixar conhecer os principais tópicos deste “caderno de encargos”.

Neste contexto, será imperativo executar os projetos previstos e aprovados no Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) até 2026.

Apontamos prioridade à execução do Portugal 2030 e aos primeiros Avisos dos Sistemas de Incentivos já divulgados, sobretudo aqueles que são dirigidos às micro e pequenas e médias empresas (PME), com uma dotação total de 400 M€, destinados a projetos que contribuam para melhorar a sua capacidade produtiva. Portugal é o principal mercado do Millennium bcp, pelo que mantemos o foco neste desígnio único e excecional – até 2030 – para alterar decisivamente os padrões tradicionais da nossa economia.

EDITORIAL

Ainda há poucos dias, a Moody's, logo após subir a notação da dívida portuguesa, divulgou a subida dos *ratings* de seis bancos portugueses, tendo o Banco Comercial Português (Millennium bcp) conseguido a subida dos *ratings* de depósitos de longo prazo para A3 (de Baa2) e dos *ratings* de dívida sénior sem garantia para Baa2 (anterior era Baa3), assinalando uma progressão contínua no nosso desempenho e nos fundamentais financeiros.

Estamos, por isso, preparados. Mas precisamos também da parceria decisiva com o BPF, com os diferentes instrumentos ao seu alcance, para ativar um renovado dinamismo das Empresas Portuguesas. Em suma, um protagonismo atuante e liderante, com impacto concreto e decisivo na nossa economia.

Quase a concluir, deixamos uma nota de grande satisfação pela concretização da 2.ª edição do Lisbon Agri Conferences (LAC), organizado, no Centro de Congressos de Lisboa, com o objetivo geral de refletir sobre o agronegócio, envolvendo os principais *stakeholders* de toda a cadeia agroalimentar.

O Millennium bcp voltou a abraçar esta excelente iniciativa, mantendo a nossa proximidade ao setor primário e indo ao encontro dos agricultores e empresários para interpretar uma proveitosa reflexão, com particular foco nas preocupações da sustentabilidade global e das alterações climáticas.

Para fechar, desejamos Boas Festas e um Bom Ano de 2024 a todos os leitores.

João Nuno Palma

Vice-presidente da Comissão Executiva





EM ANÁLISE

O pinheiro-manso é uma das espécies florestais mais interessantes na economia do complexo agroflorestal. Nesta edição, detemo-nos por aqui para identificar a cadeia de valor que compõe a fileira da Pinha e do Pinhão. Desejamos contribuir para ampliar o conhecimento sobre a realidade desta fileira e o seu impacto no mundo rural. Assim, com o objetivo de auxiliar o empresário e o investidor com informação mais precisa e fiável sobre o ponto de situação atual, procurando também retratar o respetivo nível estimado de risco, solicitámos à AGRO.GES a elaboração de um exame a esta fileira.

AGROGES

Principais destaques

Área Nacional

194 mil hectares
povoamentos de pinheiro-manso
em 2015 (IFN 6)

Produção Nacional de Pinha e Pinhão de pinheiro-manso

414,3 mil toneladas
Pinha produzida anualmente
em 2015 (IFN6)

Mercado Mundial de Pinhão

41,7 mil toneladas
produção mundial de Pinhão
(miolo) em 2022/2023 (-10% do que em 2021/2022)

Comércio Internacional em 2021

7 milhões de euros
exportações de pinhão português

01. Síntese – Portugal



Área Nacional

194 mil hectares

povoamentos de pinheiro-manso em 2015 (IFN 6)

203 mil hectares

áreas com pinheiro-manso (florestas de pinheiro-manso) em 2018 (COS 2018)

+73 mil hectares

povoamentos de pinheiro-manso desde 1995 até 2015 (+2,4%/ano) (IFN6)

+3,2 mil hectares

áreas com pinheiro-manso desde 2007 a 2018 (+0,1%/ano) (COS)

1.068.160 plantas

pinheiro-manso em ações de (re)arborizações desde 2021

2.670 hectares

estimados de (re)arborizações com pinheiro-manso em 2021, 2022 e 2023 (Estimativa AGRO.GES assumindo um compasso médio de plantação de 5x5)

* Fonte: ICNF – Regime Jurídico da Pinha de pinheiro-manso – Relatório de campanha 2021/2022. Notas informativas n.º 6, 7 e 8.

** Fonte: GPP – SIMA (Sistema de Informação de Mercados Agrícolas) – Mercado de Produção – Frutos Secos – Pinha&Pinhão

Produção Nacional de Pinha e Pinhão de Pinheiro-manso

414,3 mil toneladas

pinha produzida anualmente em 2015 (IFN6)

1,9 ton/ha.ano

produtividade média anual de pinha em 2015 (IFN6)

21,9 mil toneladas

colheita de pinha na campanha 2021/2022 (ICNF, 2022)*

842 toneladas

produção estimada de pinhão, em Portugal, na campanha 2021/2022 (estimativa AGRO.GES)

842 toneladas

produção estimada de pinhão, em Portugal, na campanha 2021/2022 (estimativa AGRO.GES)

-41%

preço médio de pinha na campanha 2021/2022 foi mais baixo do que na campanha 2020/2021**

-11%

preço médio de pinhão na campanha 2021/2022 foi mais baixo do que na campanha 2020/2021**

Mercado mundial de Pinhão***

Países com maiores percentagens de importação de pinhão, em 2021

26%
Alemanha

15%
Itália

12%
Estados Unidos da América



41,7 mil toneladas

produção mundial de pinhão (miolo) em 2022/2023 (-10% do que em 2021/2022)

Produção de pinhão chinês representa **30%** da produção mundial em 2022/2023

47,6 mil toneladas

consumo mundial estimado de pinhão, em 2021 (+**66%** face o consumo estimado em 2020)

26 mil toneladas

exportação mundial de pinhão, em 2021, (a China representa **61%** do total de exportações)

Comércio internacional em 2021****

7 milhões de euros

exportações de pinhão português

5 milhões de euros

importações de pinhão para o mercado nacional

2 milhões de euros

balança comercial nacional com saldo positivo

3,88 milhões de euros

de exportações de pinhões frescos ou secos, com ou sem casca ou pelados para Itália, o principal mercado de exportação de pinhão português em valor

159 toneladas

de exportação de pinhões frescos ou secos, com ou sem casca ou pelados também para Itália, o principal mercado de exportação de pinhão português em volume

2,3 milhões de euros

importações de pinhões frescos ou secos, com ou sem casca ou pelados oriundos de Espanha, correspondendo a **58 toneladas**

66 Toneladas

importações de pinhões frescos ou secos, com ou sem casca ou pelados da Alemanha, correspondendo a **1,4 milhão de euros**

*** Fonte: INC Nuts & Dried Fruits Statistical Yearbook 2022_2023

****Considera-se o Código CN 0802 90 50 (Pinhões (*Pinus* spp.), frescos ou secos, com ou sem casca ou pelados). À data da elaboração deste *Fact Sheet* os dados de comércio internacional de 2022 ainda não estavam disponíveis.

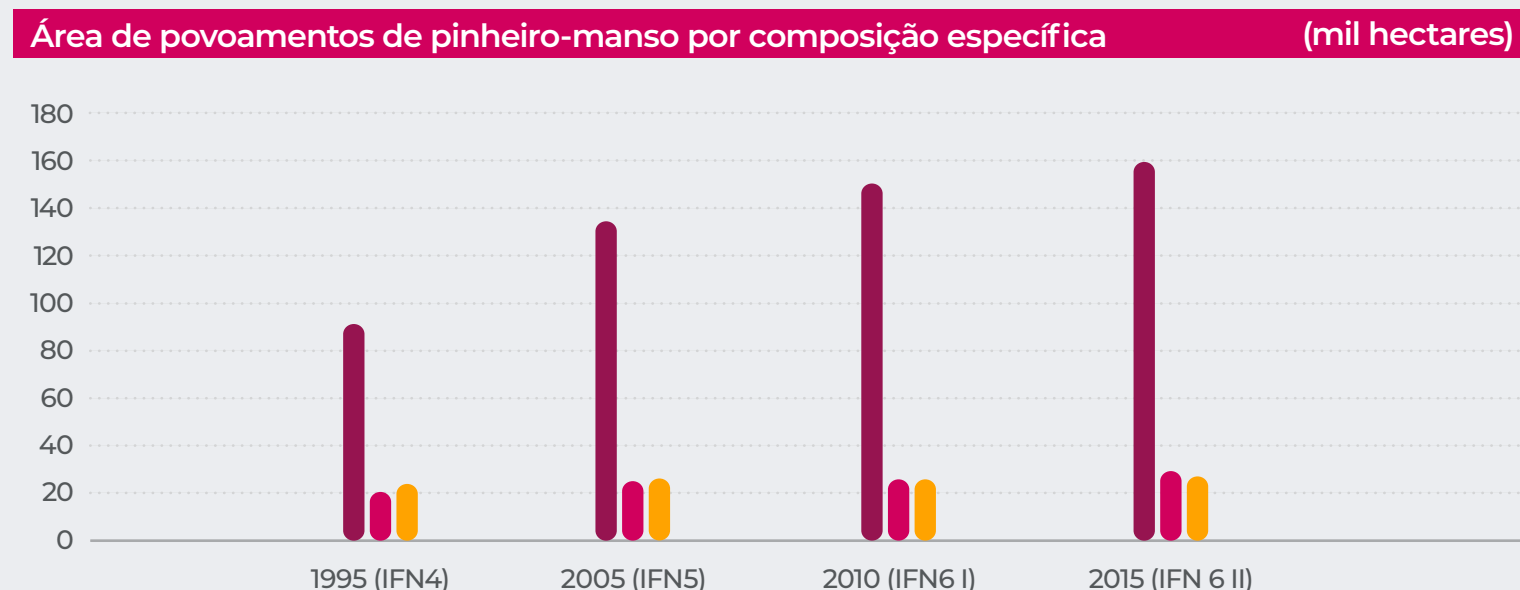
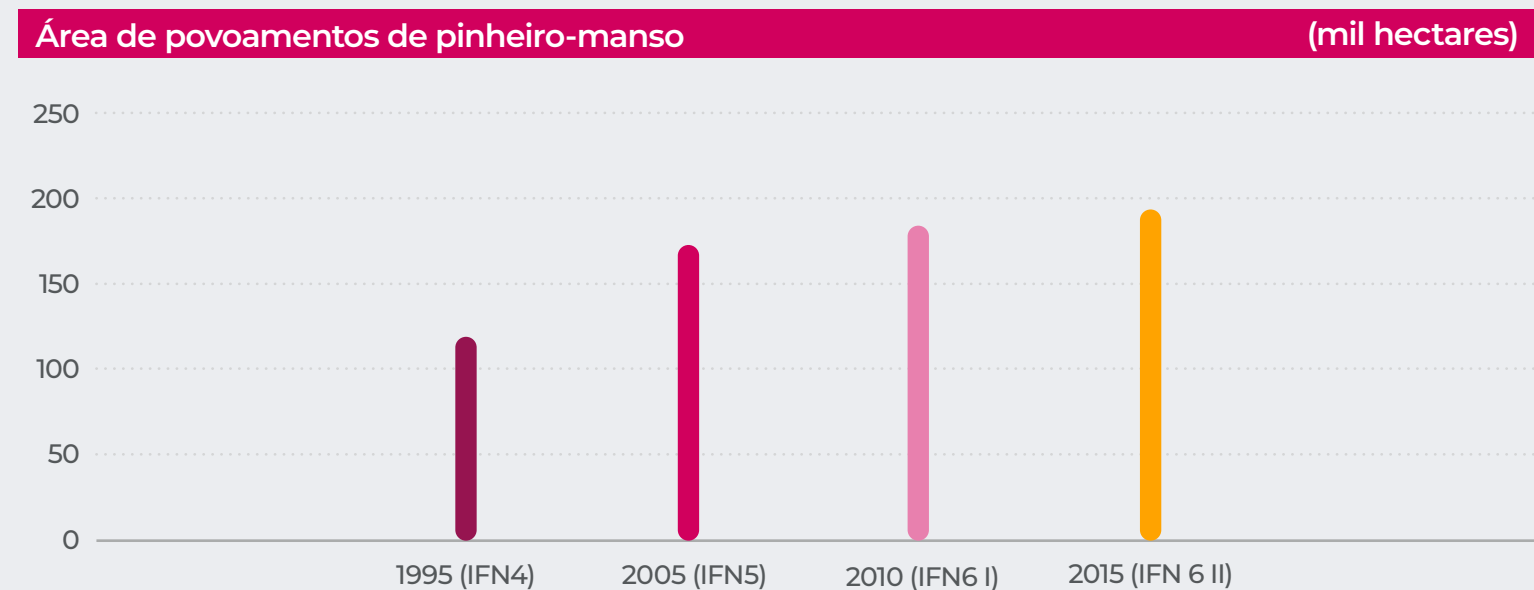
02.

Área de povoamentos de Pinheiro-manso

2.1. Inventário Florestal Nacional (IFN – ICNF)

Segundo os dados do 6.º Inventário Florestal Nacional (IFN6), em 2015, os povoamentos de pinheiro-manso ocupavam cerca de 194 mil hectares, representando 6% do total de espaços florestais existentes.

De acordo com dados do IFN, no período de 1995 a 2015, a área de pinheiro-manso registou um acréscimo de 61%, correspondendo a uma taxa de acréscimo média anual de 2,4%/ano. No mesmo período, a grande variação de área observou-se maioritariamente nos povoamentos puros (74%), seguindo-se os povoamentos mistos dominantes (48%) e depois os mistos dominados (16%).



● Puro ● Misto dominante ● Misto dominado

A distribuição do pinheiro-mansinho no território continental, em 2015, mostrava que 68% dos povoamentos de pinheiro-mansinho localizavam-se na região NUT II Alentejo, 21% na região do Algarve e 7% na região Lisboa e Vale do Tejo (IFN6).

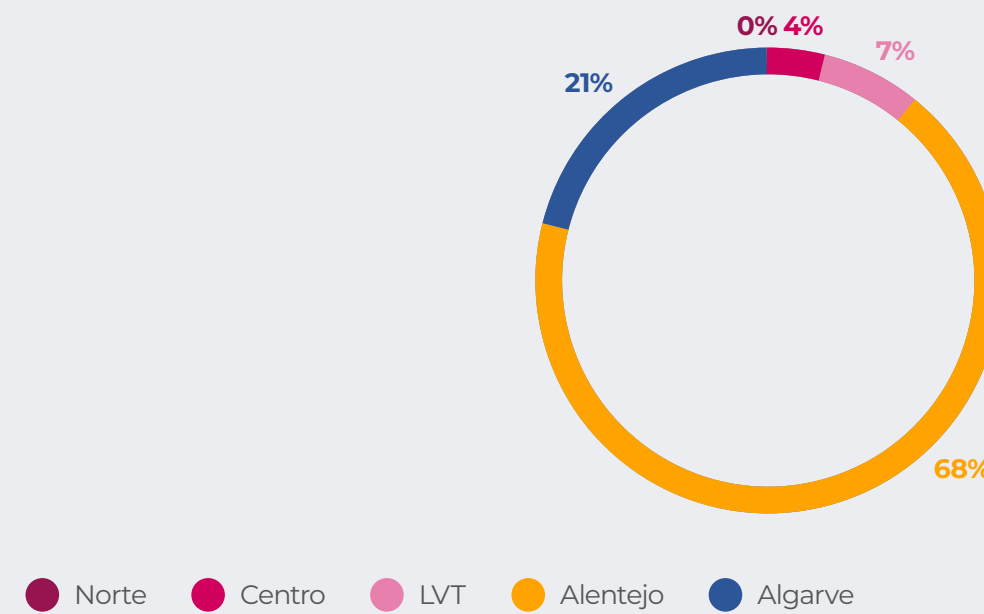
Em termos de evolução da área de pinheiro-mansinho por NUT II, entre 1995 e 2015, registou-se acréscimo em todas as regiões, nomeadamente, na região Alentejo na ordem de 64%, na região do Algarve foi de cerca de 70%, na região Centro atingiu os 63,8% e na região de Lisboa e Vale do Tejo chegou aos 25%.

Neste mesmo período, na região Norte, a área de povoamentos de pinheiro-mansinho manteve-se praticamente estável

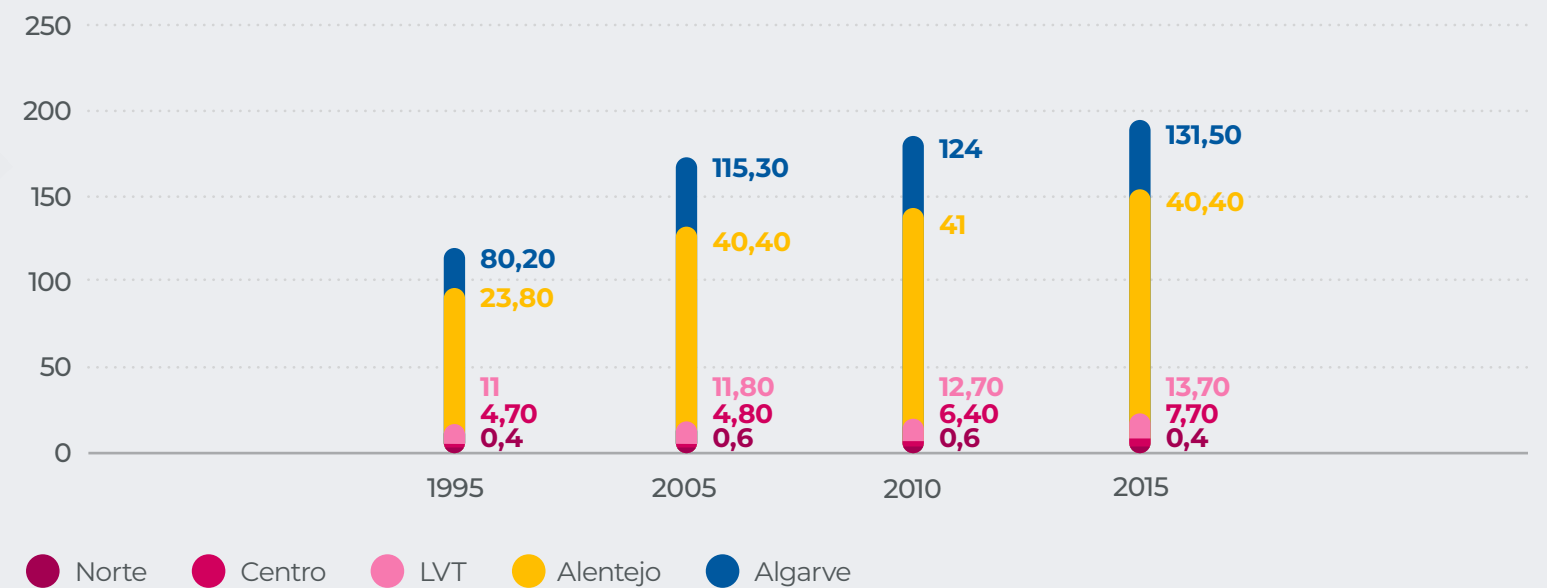
Nos gráficos apresentados verifica-se que o significativo aumento de área de povoamentos de pinheiro-mansinho, entre 1995 e 2015, registou-se sobretudo na região do Alentejo (com uma taxa de crescimento médio anual de 2,5%/ano)



Distribuição da área de pinheiro-mansinho (2015) por NUT II (%)



Evolução da área de pinheiro-mansinho por NUT II (mil hectares)



Em Portugal continental há pinheiro-mansinho por quase todo o país e esta é a espécie florestal cuja presença mais tem aumentado: de 120 mil para 194 mil hectares entre 1995 e 2015. O Alentejo concentra 68% da sua presença.

2.2. Carta de Ocupação do Solo (COS – DGT)

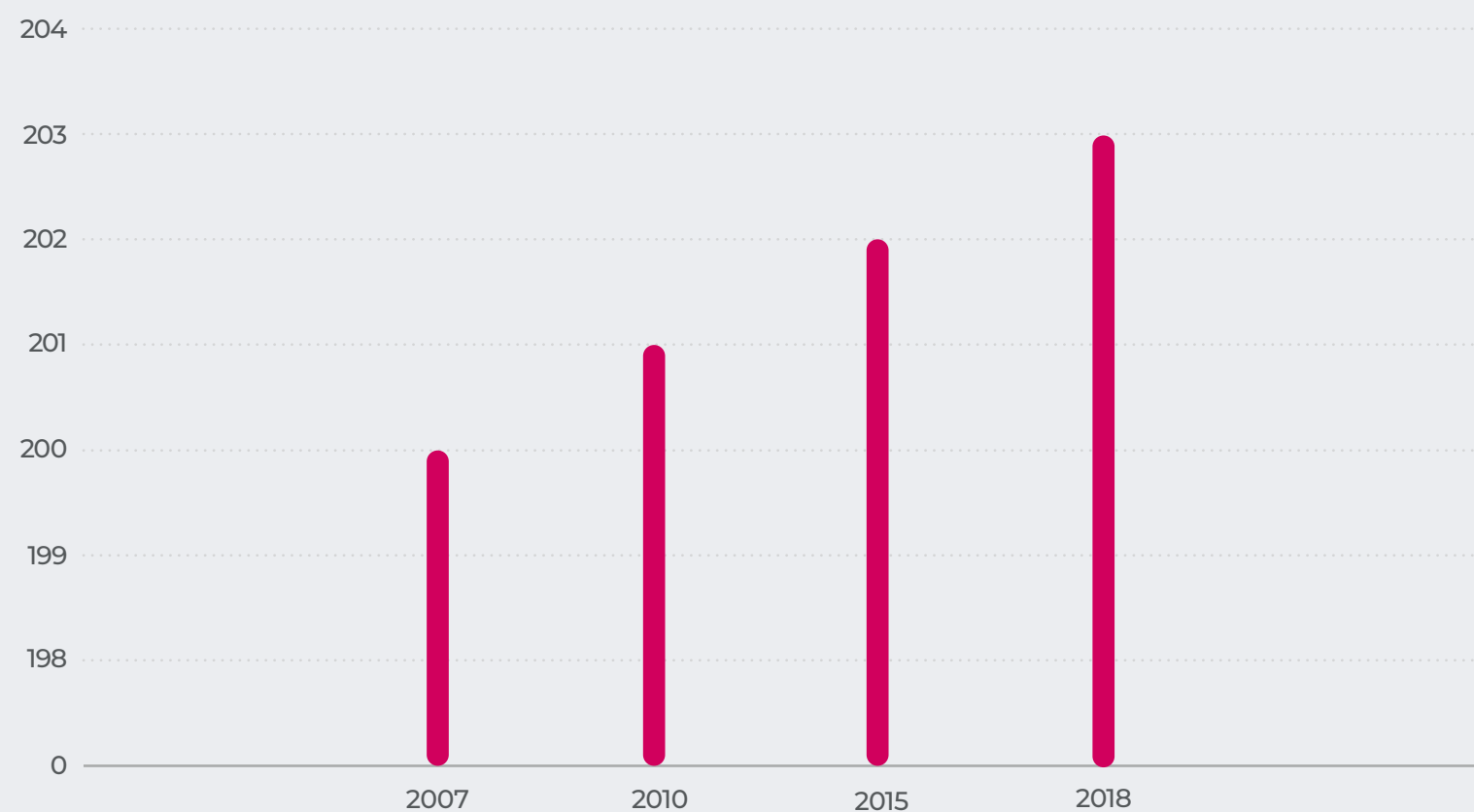
A Carta de Ocupação do Solo (COS), produzida pela Direção-Geral do Território desde 2007 até 2018, apresenta resultados semelhantes aos apresentados pelo IFN. Segundo a COS, a área de pinheiro-manso registou aumentos desde 2007 até 2018 a uma taxa média anual de 0,1%/ano, com uma variação total de área de 3.242 hectares neste mesmo período (passando de 199.758 hectares para 203.000 hectares).

As florestas de pinheiro-manso registaram sucessivos aumentos de área entre os períodos em análise, resultando numa taxa de variação total de 1,6%, entre 2007 e 2018.

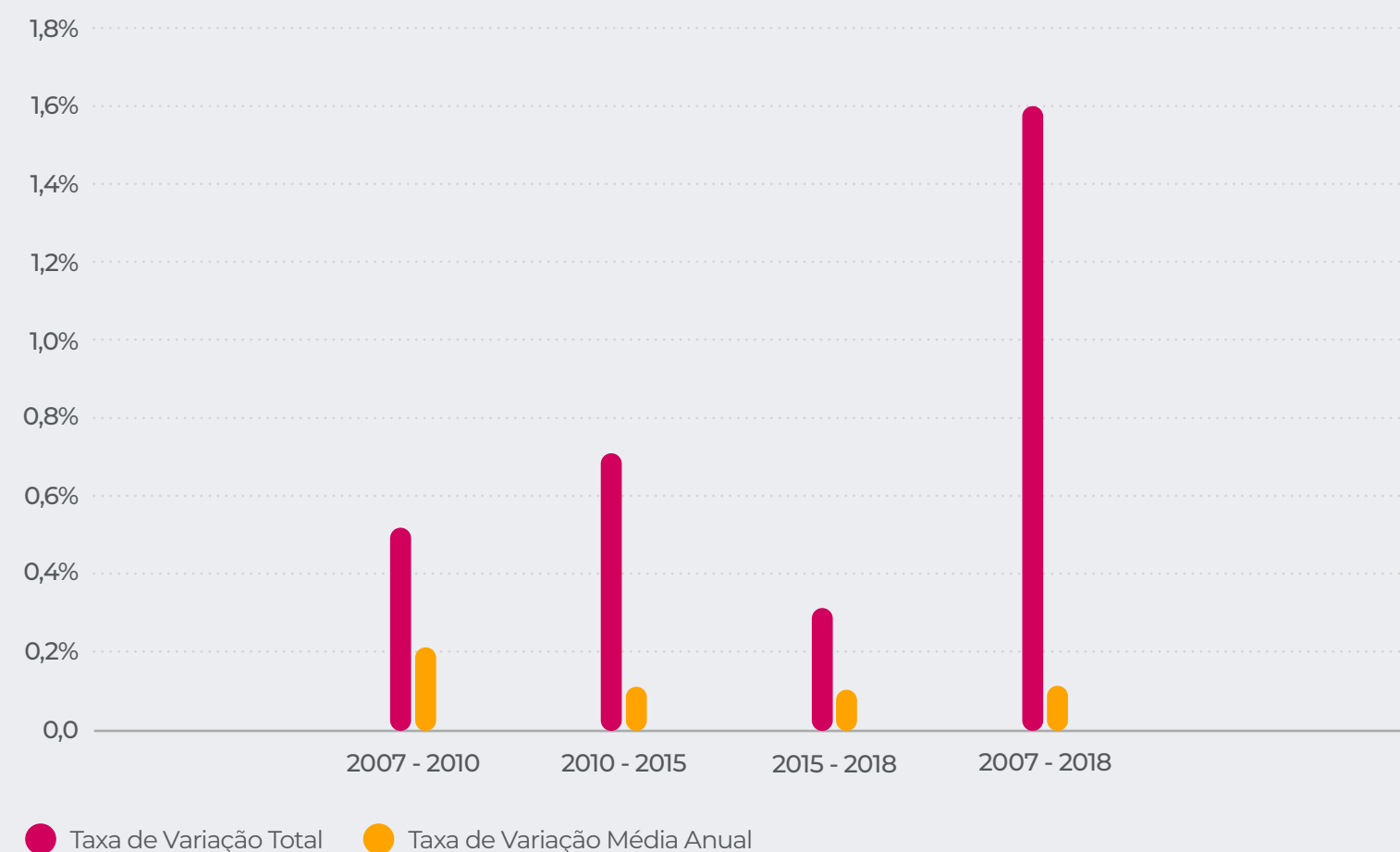
O fruto do pinheiro-manso é a pinha e o seu miolo é o pinhão, que embora habitualmente seja reconhecido como um fruto seco é na verdade uma semente: a semente do pinheiro-manso.



Evolução da área (florestas) de pinheiro-manso (COS - DGT) (mil hectares)



Variação das áreas de pinheiro-manso (%)



2.3. Novas arborizações (RJAAR – ICNF)

Com a entrada em vigor do Decreto-Lei n.º 96/2013 de 19 de julho, que estabelece o Regime Jurídico das Ações de Arborização e Rearborização com Espécies Florestais (RJAAR), o ICNF regista a lista de projetos de (re)arborização autorizados e a quantidade de plantas necessárias para as ações de (re)arborização.

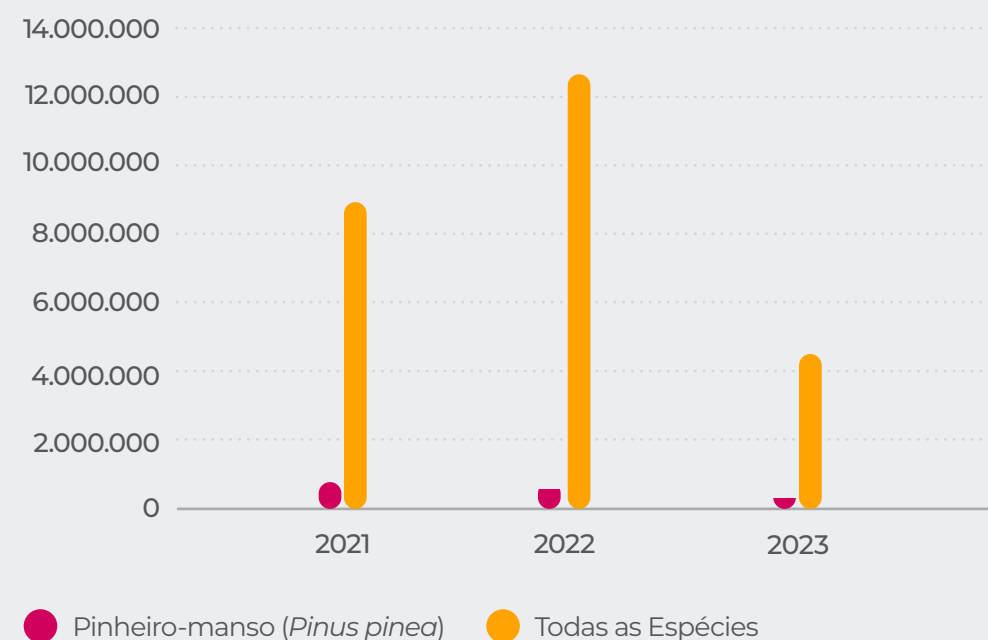
Desde 2021, a quantidade de plantas de pinheiro-manso (*Pinus pinea*) utilizadas em ações de arborização e (re)arborização correspondem apenas a 4% do total de plantas utilizadas no período em análise.

A quantidade de plantas de pinheiro-manso (*Pinus pinea*) utilizadas em (re)arborizações em 2022 registou um decréscimo de 20% face a 2021, sendo que até 15 de maio de 2023 o número de plantas de pinheiro-manso adquiridas corresponde a 16% do total de plantas desta espécie solicitadas em 2022.

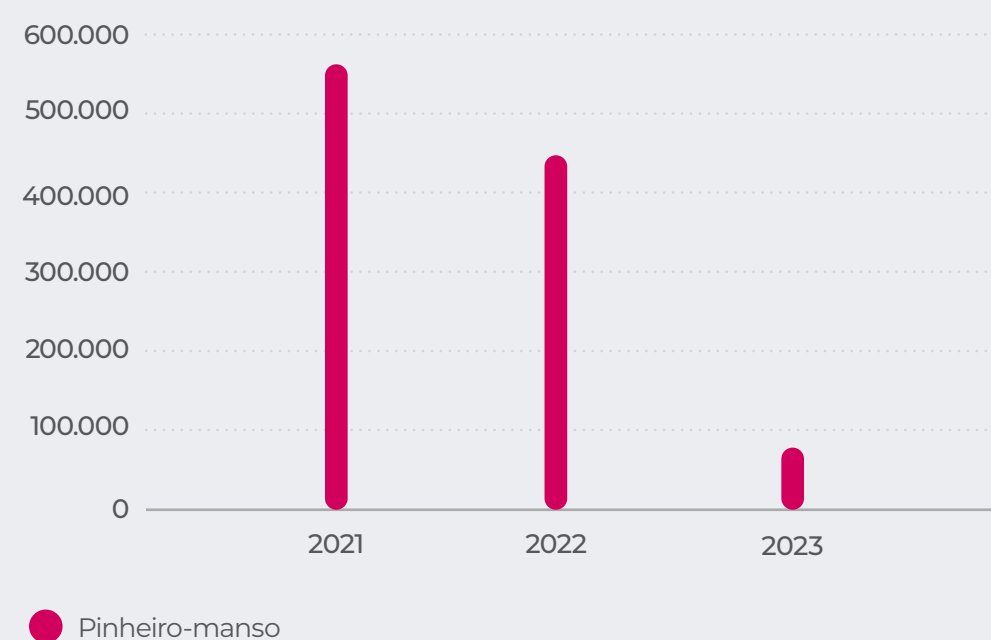
Aplicando o pressuposto de que a densidade média de instalação de povoamentos de pinheiro-manso é de 400 plantas/ha (compasso de instalação de 5x5 metros), obtém-se uma estimativa da área de (re)arborizações de 1.388 hectares em 2021, e de 1.107 hectares em 2022. Em 2023, a área (re)arborizada estimada até 15 de maio é de apenas 176 hectares.

Analisando os dados por região NUT II, verifica-se que o total de plantas de pinheiro-manso registadas entre 2021 e 15 de maio de 2023 foram utilizadas sobretudo em ações de (re)arborização na região Centro (69%), seguida da região do Alentejo (17%) e da região de Lisboa e Vale do Tejo (9%).

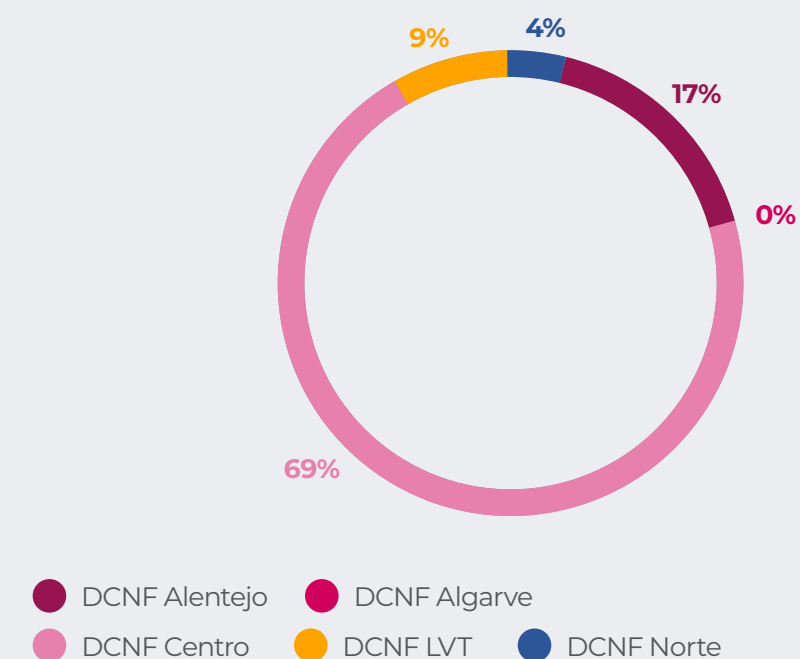
Necessidade de plantas para (re)arborização (n.º de plantas)



Necessidade de plantas para (re)arborizações (n.º de plantas)



Necessidade de plantas - projetos de (re)arborização aprovados (%)

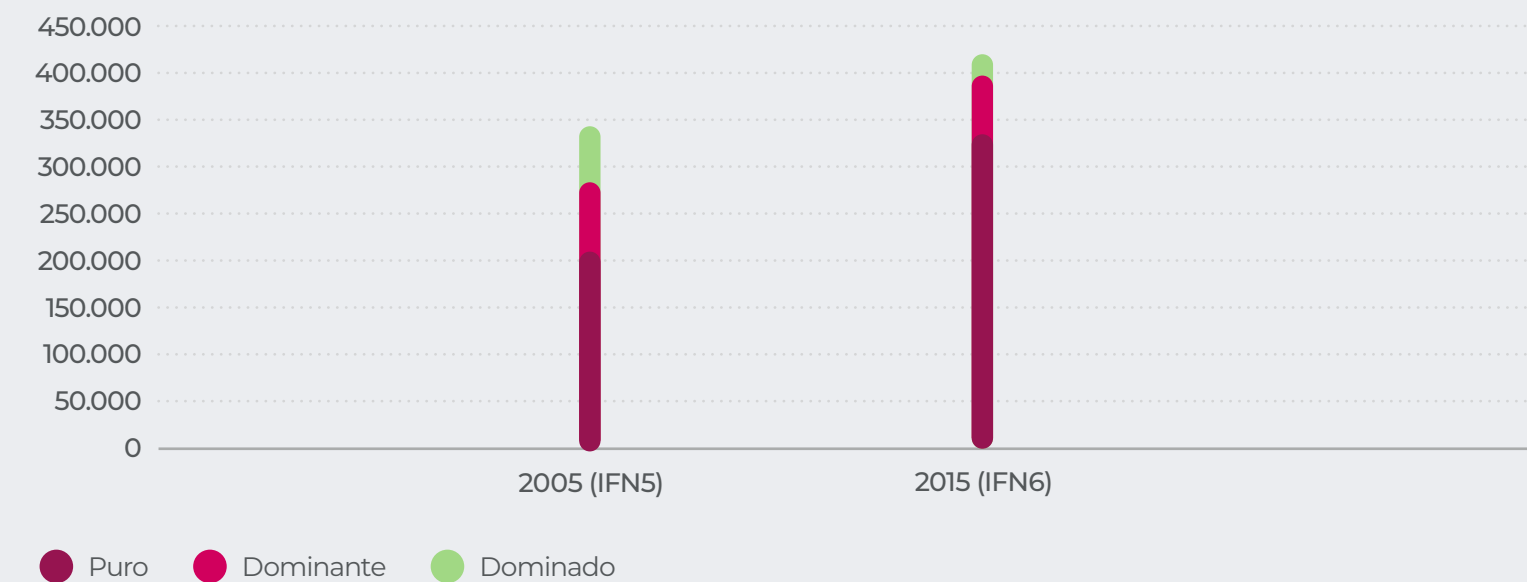


3. Produção Nacional de Pinha de pinheiro-manso

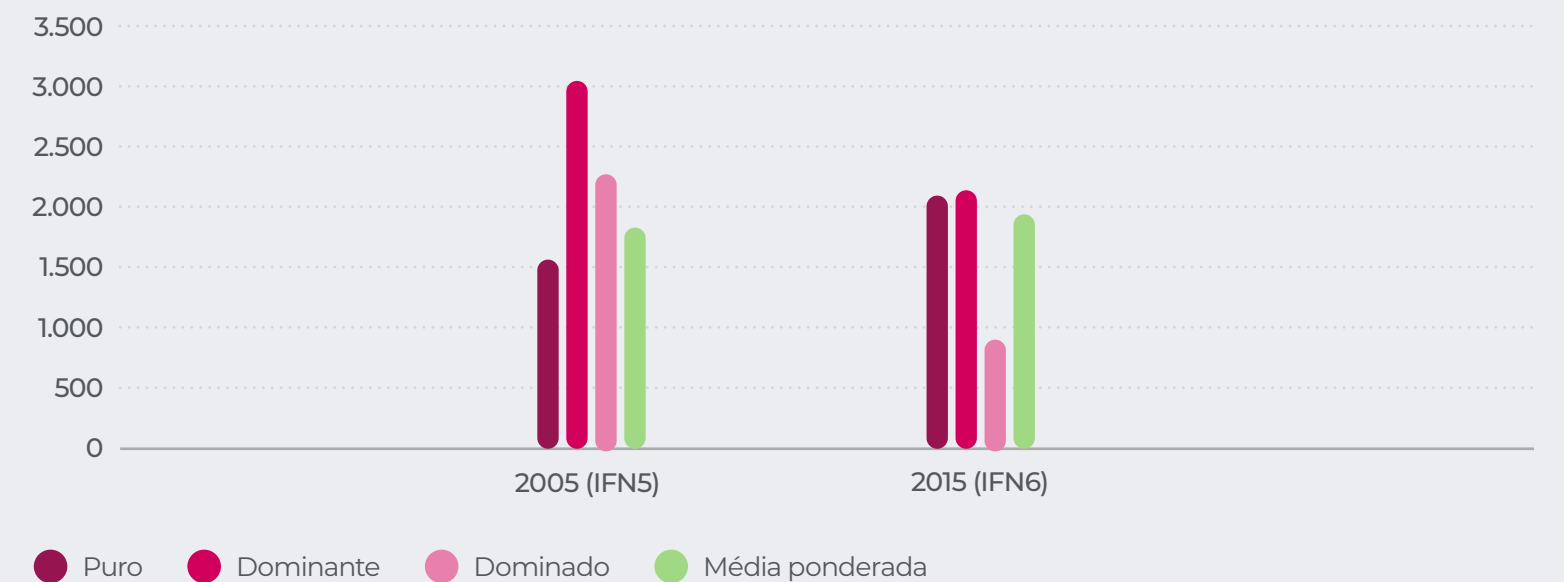
Segundo os dados do Inventário Florestal Nacional (IFN6), em 2015 os povoamentos de pinheiro-manso registaram uma produção anual de pinha de 414,3 mil toneladas.

Neste mesmo ano, em termos de produtividade anual média de pinha, registou-se um valor médio de 2.063 kg/ha.ano para povoamentos puros, 2.099 kg/ha.ano para povoamentos dominantes e 871 kg/ha.ano para povoamentos dominados, resultando num valor médio ponderado de 1.922 kg/ha.ano.

Produção anual de Pinha por tipo de povoamento (ton/ano)



Produtividade anual de Pinha por tipo de povoamento (kg/ha.ano)



Os dados do IFN apenas permitem uma análise à evolução da produção de pinha entre 2005 e 2015. Assim, na década em análise, verificou-se um acréscimo de 22% face à produção anual de pinha registada em 2005 (338,8 mil toneladas), e em simultâneo um acréscimo de 6% face à produtividade anual média de pinha registada também em 2005 (1 813 kg/ha.ano).

No período de 10 anos analisado, em termos de produtividade média anual de pinha por tipo de composição específica dos povoamentos, registou-se um aumento na produtividade média anual dos povoamentos puros de pinheiro-manso (+35%). Contudo, em simultâneo, observou-se um decréscimo acentuado na produtividade média anual de pinha dos povoamentos mistos dominantes (-30%) e dominados (-61%), apesar de a área deste tipo de povoamentos ter aumentado entre 2005 e 2015 (19% e 3%, respetivamente).

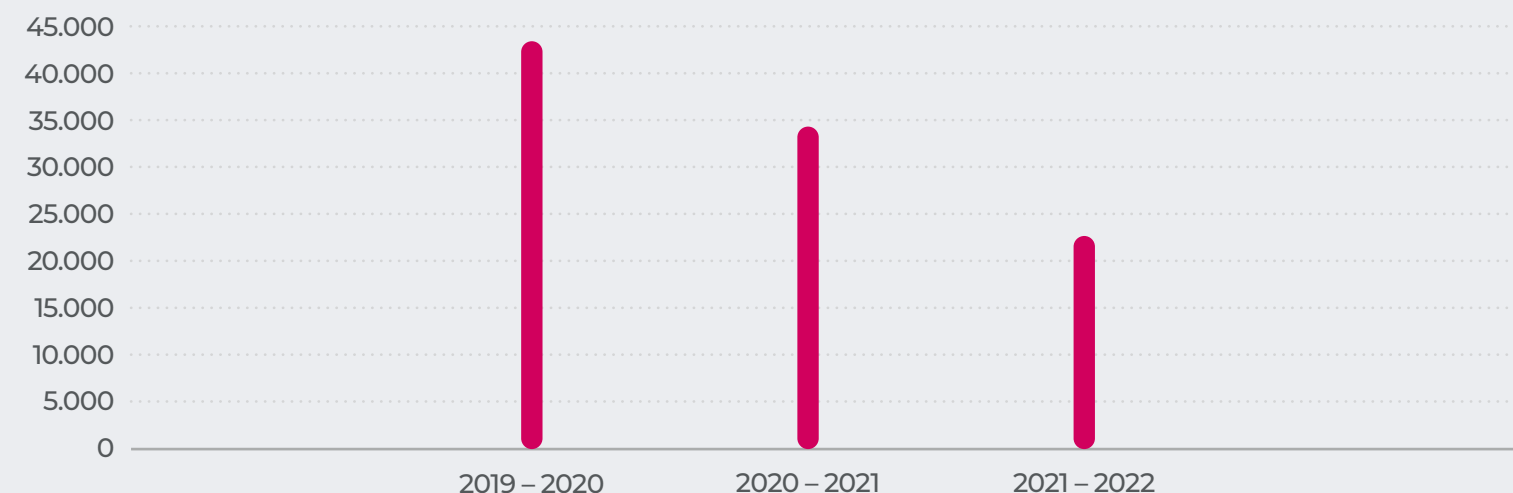
Segundo informação constante nos relatórios de campanha de pinha 2019/2020, 2020/2021 e 2021/2022 publicados pelo ICNF (Notas informativas n.º 6, 7 e 8 relativas ao Regime Jurídico da Pinha de pinheiro-manso), a produção nacional de pinha (referenciada pelos registos de colheita de pinha) tem vindo a decrescer nos últimos anos a uma taxa média anual de -20%/ano. Em 2021/2022 foram atingidas 21.887 toneladas de pinha colhida, um valor muito inferior à produção anual registada no IFN6 em 2015.

Apesar de não existirem dados oficiais relativos à produção nacional de pinhão, utilizando como referência a indicação de um rendimento de pinha em miolo de pinhão situado entre 3,5% e 4,2%, dependendo da zona de origem, do ano de colheita e das condições climatéricas ([Guia de Colheita e Comercialização de Pinha, UNAC, 2014](#)), foi possível estimar a produção nacional de pinhão nas últimas três campanhas, ficando determinado para a campanha 2021/2022 uma produção nacional de pinhão de aproximadamente 842 toneladas (-35% do que na campanha anterior).

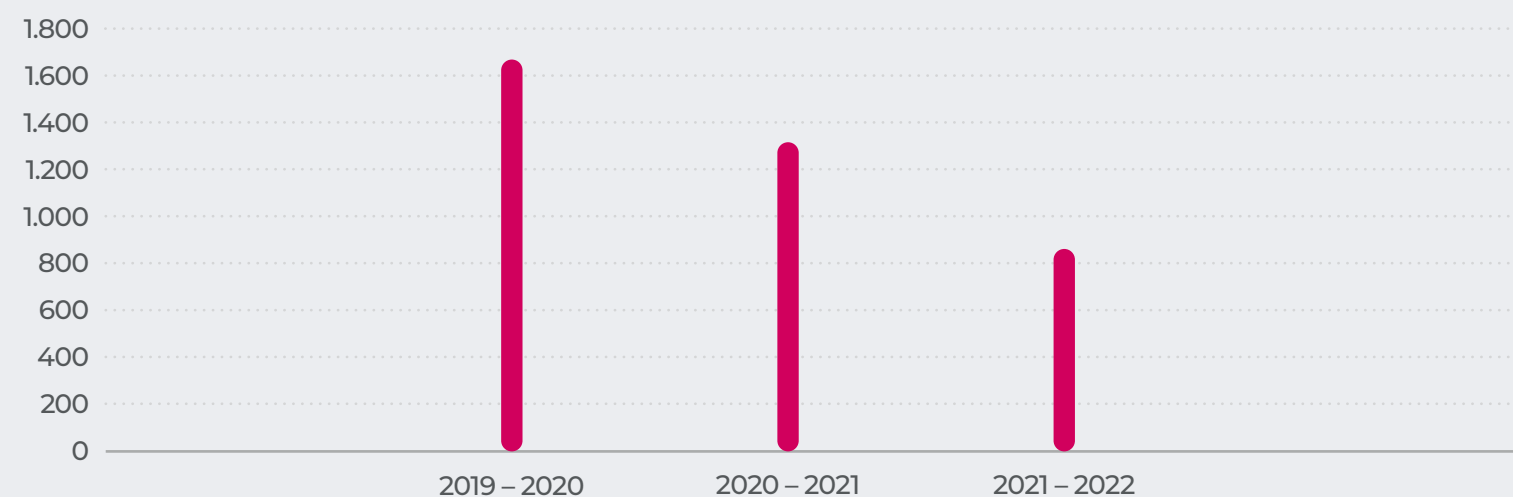
Como se pode observar nos gráficos ao lado, nas últimas campanhas verificam-se quebras acentuadas na produção de pinha e também de miolo de pinhão, devido, segundo alguns autores, à ocorrência e aumento da permanência da praga designada por Sugador das Pinhas (*Leptoglossus occidentalis*). Contudo, outros fatores (nomeadamente abióticos) poderão ter tido um impacto significativo na diminuição da produção de pinha e também de pinhão registadas.

O elevado valor do pinhão tem sido um fator favorável ao incremento da cultura do pinheiro-manso, em Portugal.

Produção Nacional de Pinha (colheita) (ton)



Produção Nacional de Pinhão (estimativa) (ton)

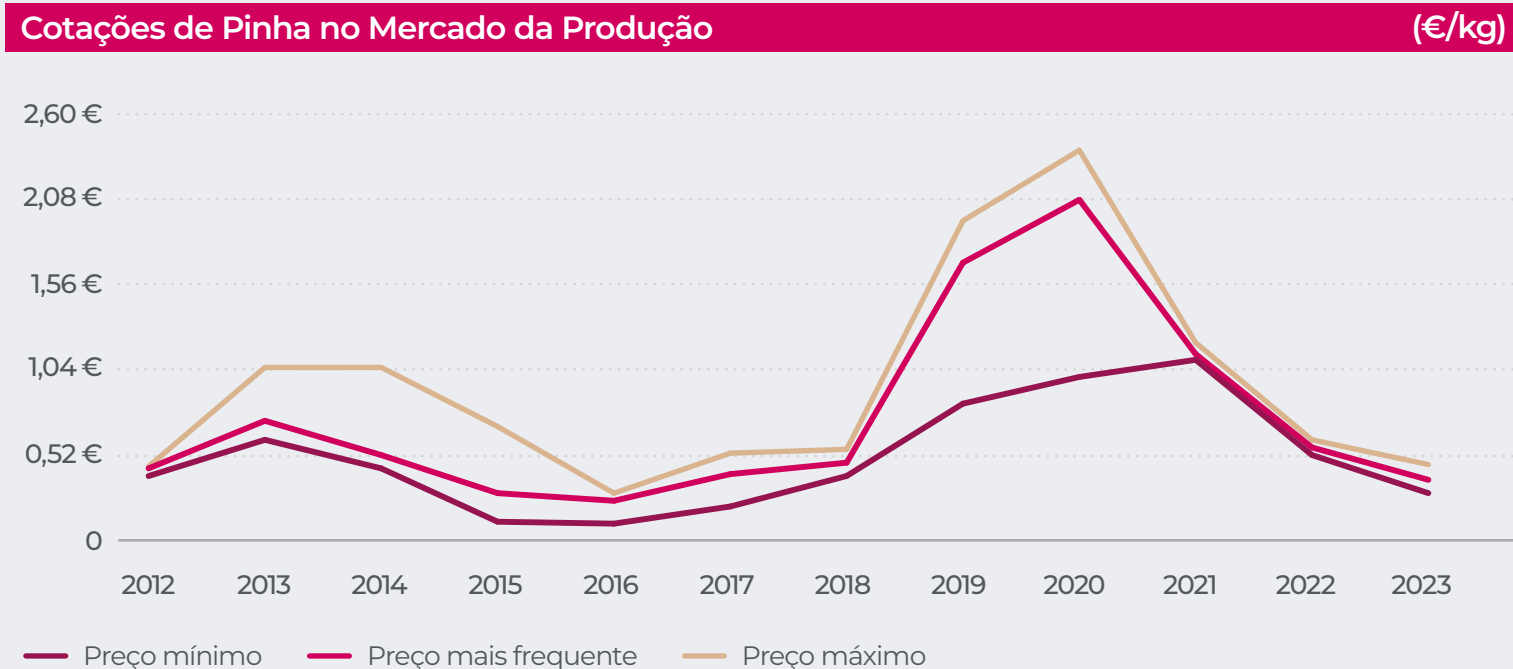


4.

Preços de venda e custos de apanha de Pinha e de Pinhão em Portugal

Desde 2012 que as cotações de pinha no mercado da produção¹ têm registado alguma oscilação de valor, observando-se desde 2020 uma tendência de decréscimo acentuado nos preços por quilograma de pinha. Assim, em 2020 registou-se um pico na cotação de pinha com o valor mais frequente a atingir o máximo de 2,01 €/kg. Já em 2023, os valores de cotação mais frequente ficaram-se na ordem de 0,54 €/kg de pinha.

Segundo o ICNF, e de acordo com o relatório de cotações de vendas de produtos não leñosos do SIMeF (Sistema Simplificado de Cotações de Produtos Florestais)², em 2022 o preço médio de venda de pinha na indústria nacional foi de 1,06 €/kg, tendo o preço médio para exportação rondado os 0,90 €/kg. Em termos médios nacionais, em 2022 o preço de venda de pinha foi de 1,00 €/kg.



¹ GPP – SIMA (Sistema de Informação de Mercados Agrícolas) – Mercado de Produção – Frutos Secos – Pinha&Pinhão ² <https://www.icnf.pt/api/file/doc/985778eae2b1c057>



O pinheiro-mansinho pode viver até aos 500 anos. A espécie inicia a produção de pinhas por volta dos 8-10 anos e alcança a sua máxima produção por volta dos 80 anos. A maior extensão de pinheiro-mansinho em Portugal localiza-se no concelho de Alcácer.

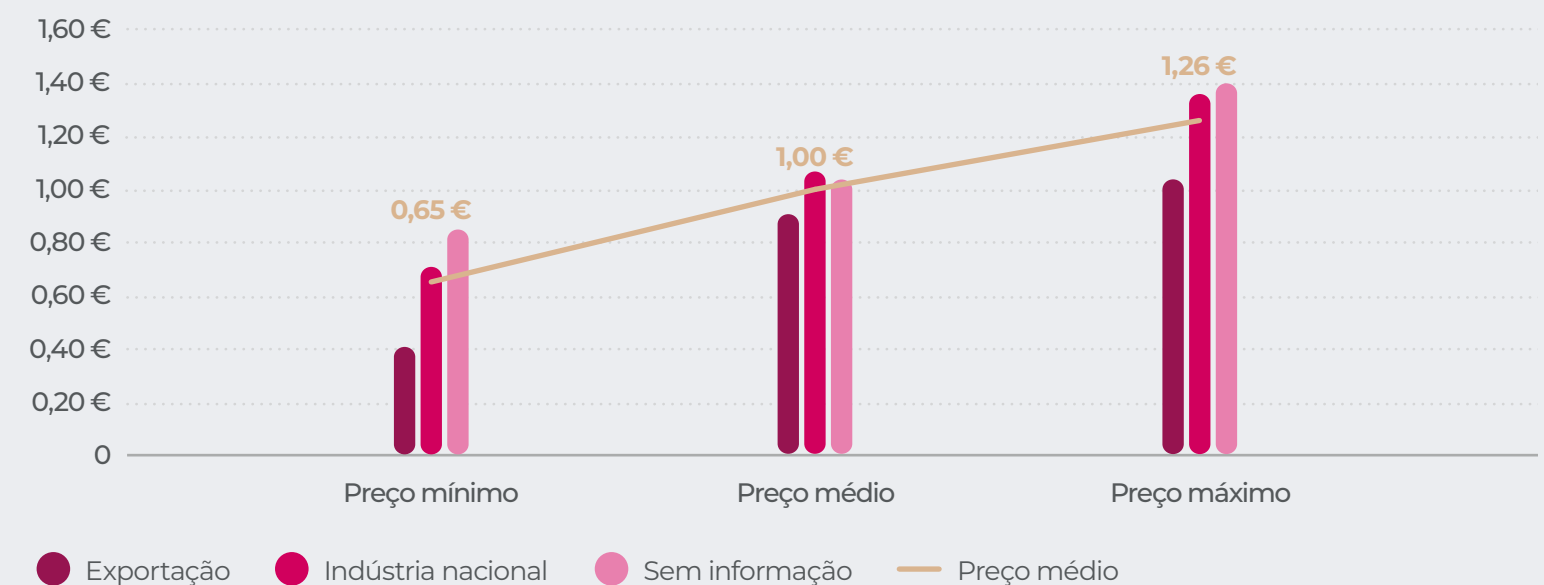
No entanto, segundo as informações disponibilizadas pela UNAC – União da Floresta Mediterrânica³, nos seus relatórios de campanha de pinha, o preço médio de venda de pinha na campanha 2021/2022 foi de 1,41 €/kg, estando este valor relativamente estável desde a campanha de 2019/2020.

No que respeita ao custo médio de apanha de pinha, segundo os dados da mesma entidade – UNAC, o custo médio de apanha de pinha na campanha 2021/2022 foi de 0,61 €/kg, tendo diminuído ligeiramente (-3%) face ao custo médio de apanha da campanha de 2020/2021.

As cotações de pinhão no mercado da produção⁴ têm também oscilado desde 2012, tendo atingido um pico nas cotações em 2020. Posteriormente observou-se uma tendência de decréscimo nos preços por quilograma de pinhão.

Por isso, em 2020 registou-se um pico na cotação de pinhão com o valor mais frequente a atingir o máximo de 68,70 €/kg, e já em 2023 os valores de cotação mais frequentes são na ordem de 45,95 €/kg de pinhão.

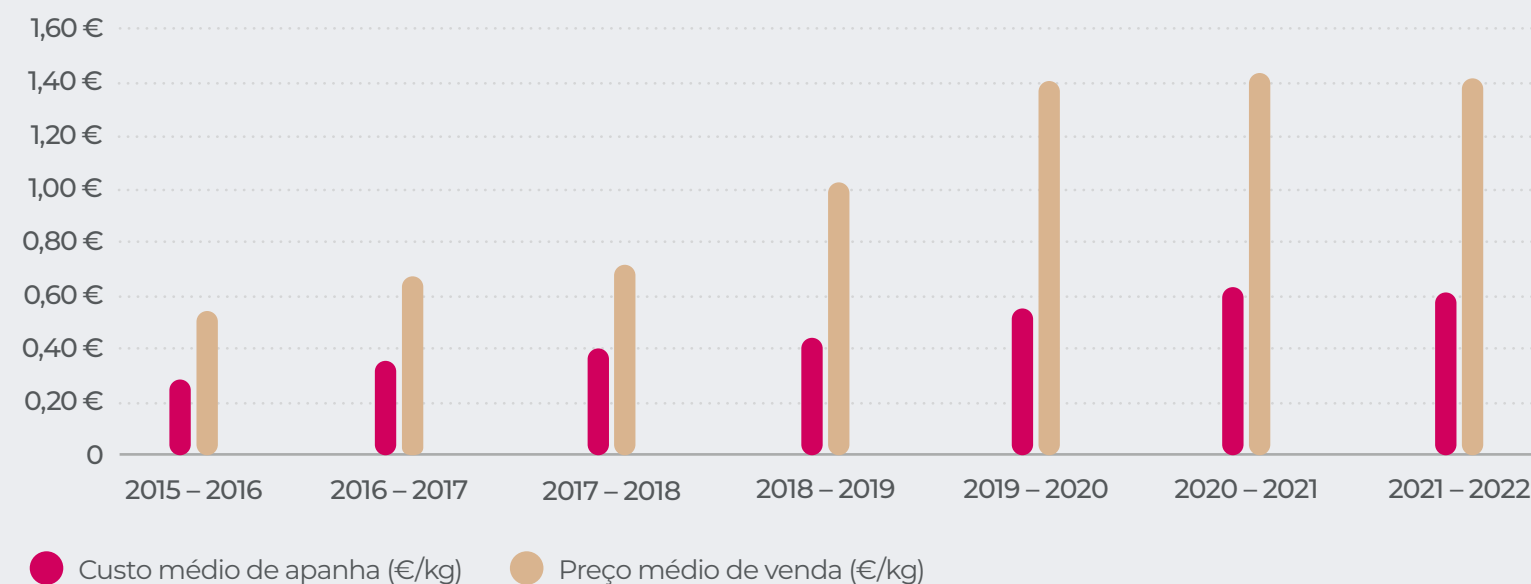
Cotações de Pinha em 2022 (SIMeF) (€/kg)



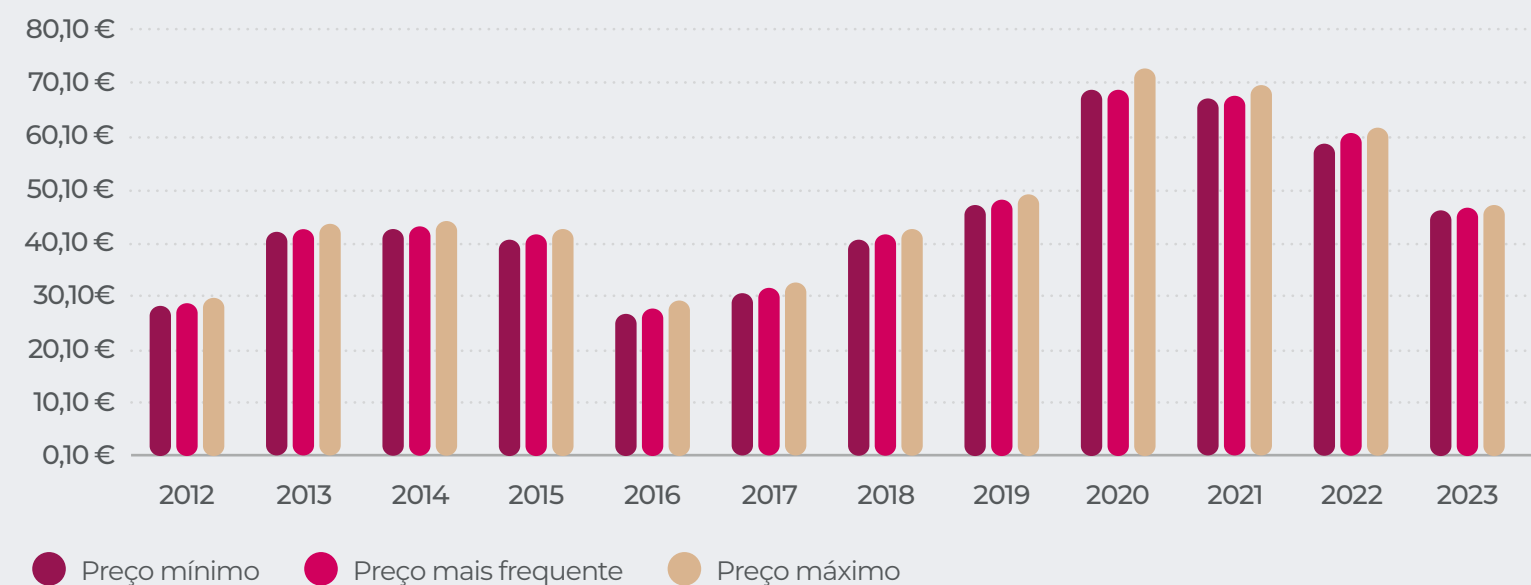
³ <https://www.unac.pt/>

⁴ GPP – SIMA (Sistema de Informação de Mercados Agrícolas) – Mercado de Produção – Frutos Secos – Pinha&Pinhão

Mercado Nacional de Pinha (UNAC) (€/kg)



Cotações de Pinhão no mercado da produção (€/kg)



5. Mercado Mundial de Pinhão⁵

Os relatórios publicados pelo INC – International Nuts & Dried Fruit Council permitem recolher informação atualizada sobre o mercado mundial de pinhão, nomeadamente, informação sobre a produção mundial de pinhão, a exportação e importação mundial de pinhão e sobre o consumo mundial de pinhão nos últimos 10 anos.

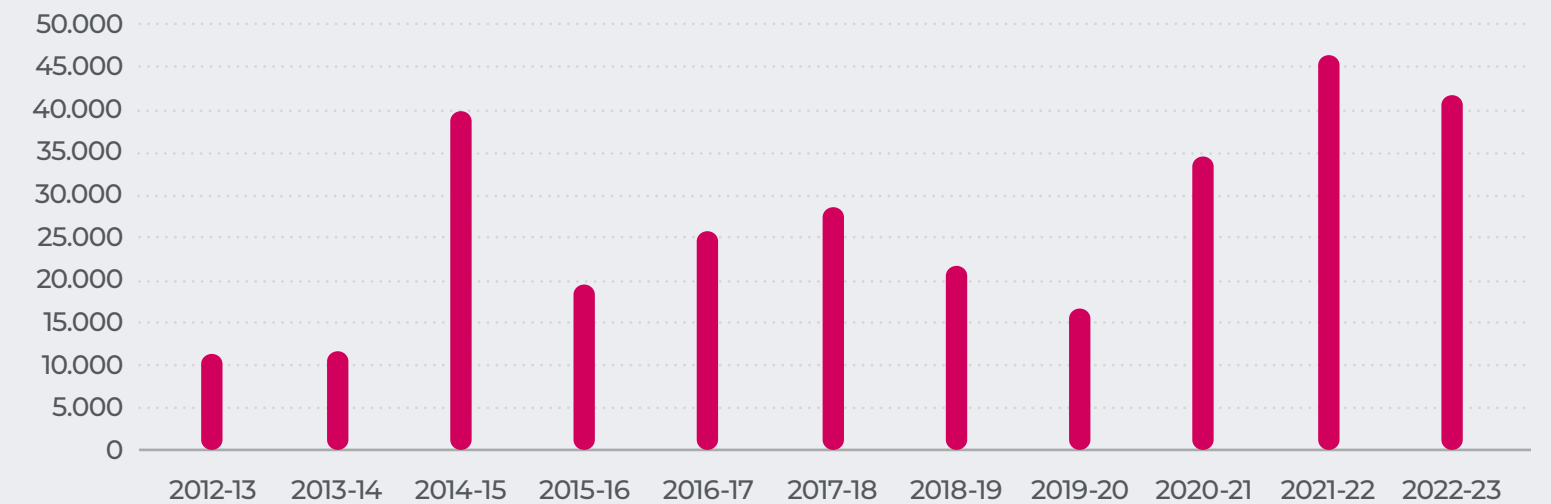
A produção mundial de pinhão apresenta uma baixa representatividade no universo global da produção mundial de frutos secos com casca (cerca de 1% do total). Desde 2011/2012, a produção mundial de miolo de pinhão (incluindo todas as espécies) tem oscilado, sendo que em 2021/2022 foi atingido o pico de produção mundial de miolo de pinhão dos últimos 10 anos, com mais de 46 mil toneladas de miolo de pinhão produzido. Em 2022/2023 a produção mundial de pinhão decresceu cerca de 10% para uma produção global de 41,7 mil toneladas.

Os países que em 2022/2023 se posicionaram como os maiores produtores mundiais de miolo de pinhão são a China (12,5 mil toneladas), a Rússia (7,7 mil toneladas), a Coreia do Norte (5,25 mil toneladas), a Mongólia (4,5 mil toneladas), o Afeganistão (4,4 mil toneladas) e o Paquistão (3,4 mil toneladas), que no seu conjunto produzem cerca de 91% do total de miolo de pinhão produzido. Portugal e Espanha produziram em 2022/2023 cerca de 440 toneladas de miolo de pinhão (1% da produção mundial)⁶.

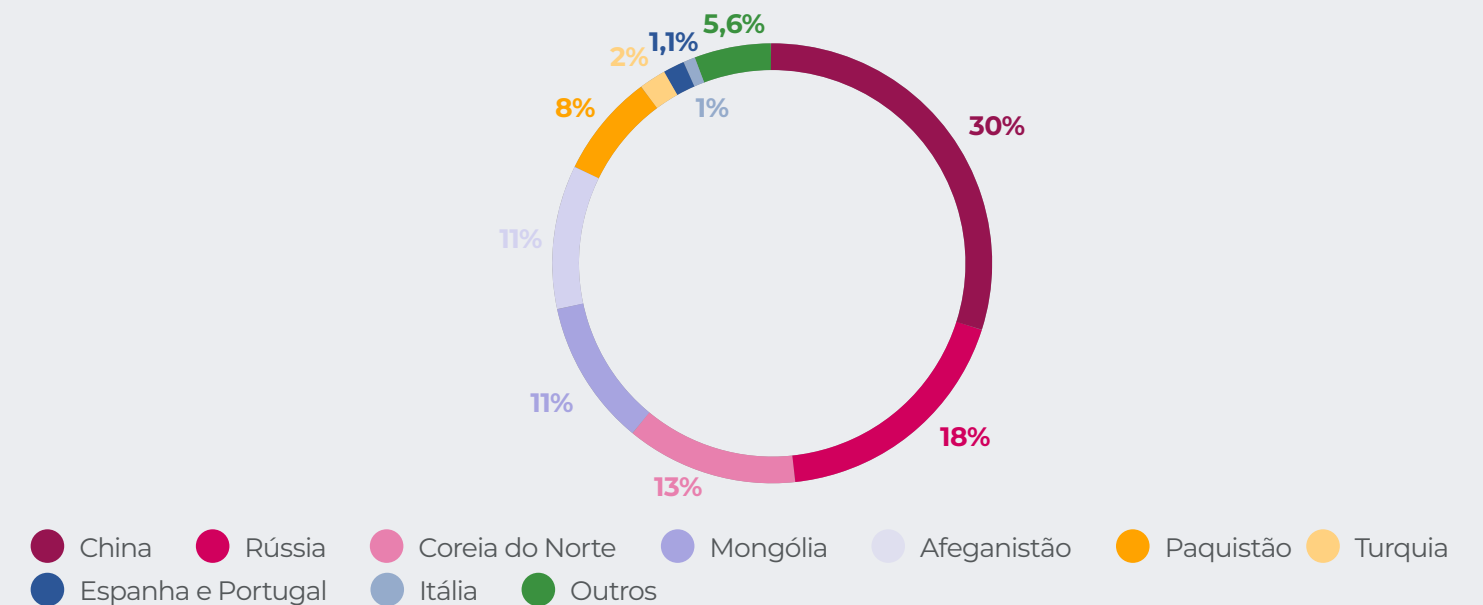
⁵ INC Nuts & Dried Fruits Statistical Yearbook 2022_2023

⁶ Estes dados referem-se à produção de miolo de pinhão, sem diferenciação da espécie produtora, ou seja, considera as diferentes espécies do género *Pinus* produtoras de pinhão.

Produção mundial de miolo de Pinhão (ton)



Produção mundial de miolo de Pinhão 2022/2023 (%)

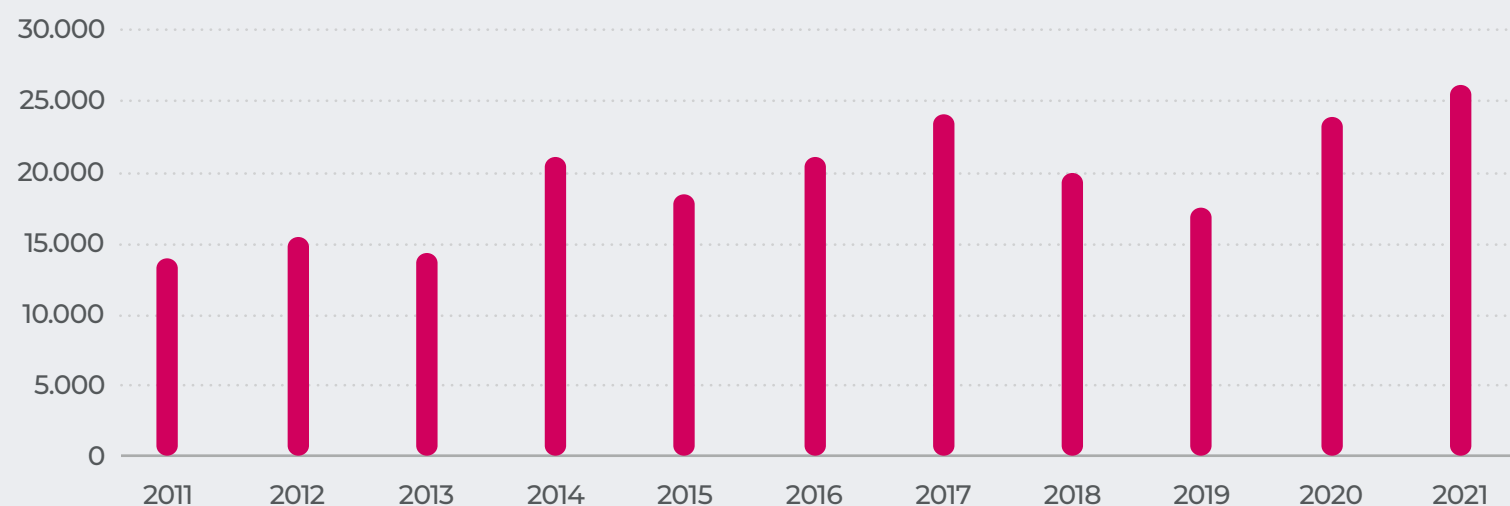


Nos últimos 10 anos, de acordo com os dados publicados pelo INC, em termos da evolução das exportações mundiais de pinhão verifica-se que entre 2011 e 2021 ocorreu um aumento gradual das exportações mundiais a uma taxa de crescimento média de 7%/ano, tendo atingido em 2021 o valor máximo de exportações de pinhão na ordem de 26 mil toneladas de miolo de pinhão.

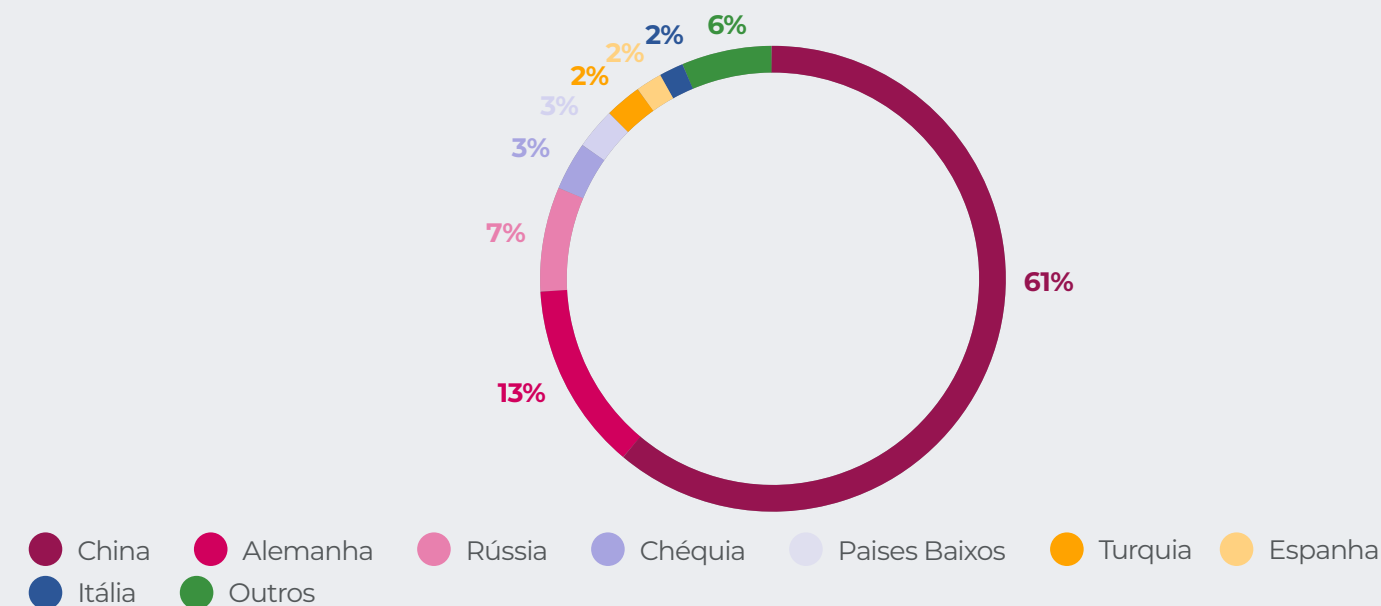
Em 2021, os países que mais contribuíram para as exportações de pinhão foram a China (que exportou quase 16 mil toneladas), a Alemanha (3,5 mil toneladas) e a Rússia (1,9 mil toneladas). Dos países da bacia mediterrânica destacam-se as exportações reportadas por Espanha (535 toneladas) e por Itália (460 toneladas), não havendo nos dados do INC registos de exportações reportados por Portugal.

Os dados do INC mostram ainda que os países que, em média, mais importam pinhão são a China, a Alemanha, a Itália e os Estados Unidos da América, tendo estes sido responsáveis por 53% do total de importações de pinhão a nível mundial, em 2021.

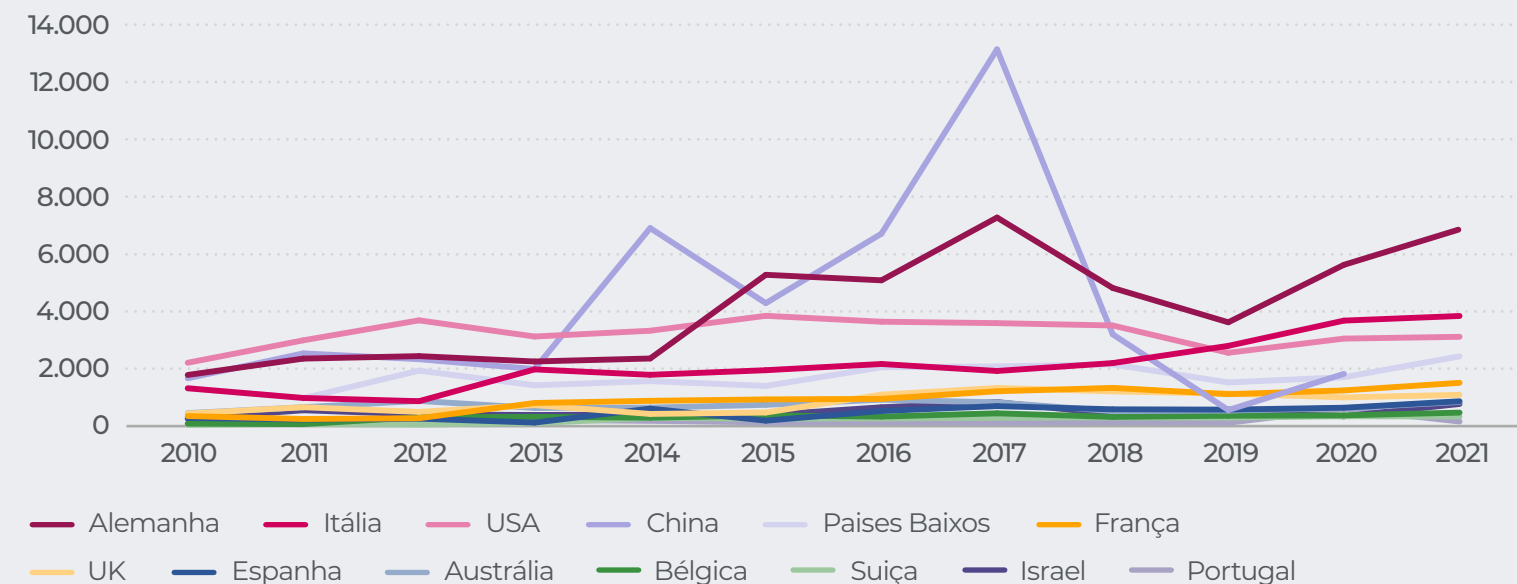
Exportação mundial de Pinhão (ton)



Exportação mundial de miolo de Pinhão (2021) (%)



Importações mundiais de Pinhões (quantidade) (ton)



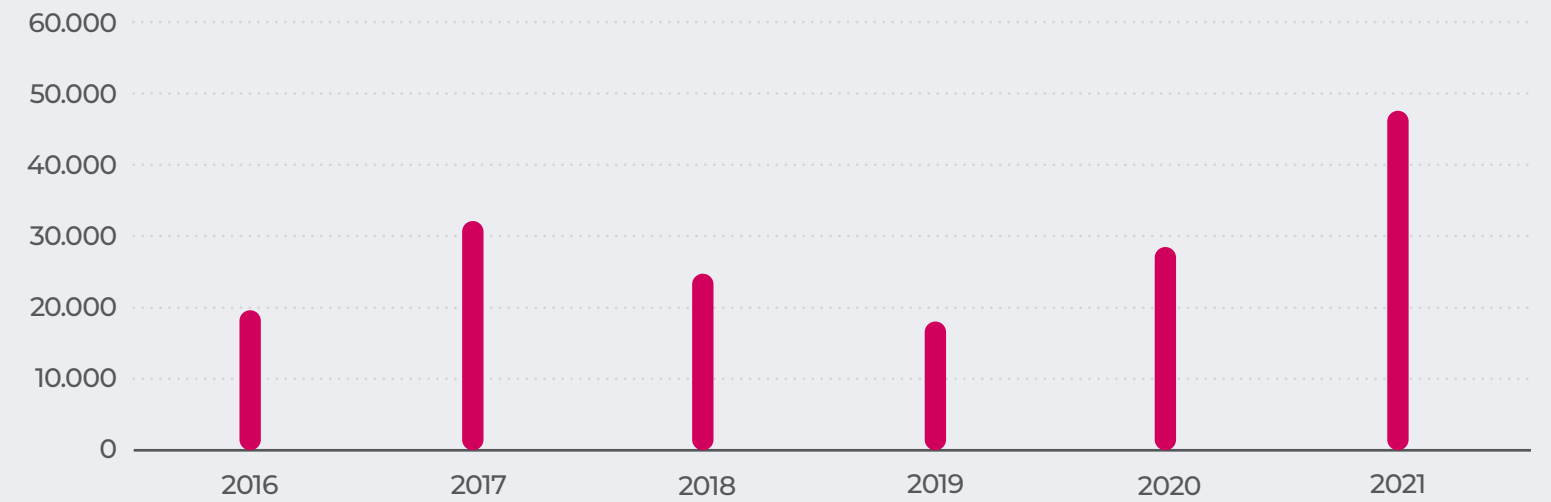
Relativamente ao consumo mundial estimado de pinhão foi de mais de 47,6 mil toneladas, em 2021, representando uma variação de +19% comparativamente ao valor de consumo estimado para 2016.

Nos últimos 6 anos, dados desta mesma entidade mostram que o consumo mundial de pinhão tem sofrido algumas variações, com um consumo mundial médio de 28.546 toneladas de pinhão por ano.

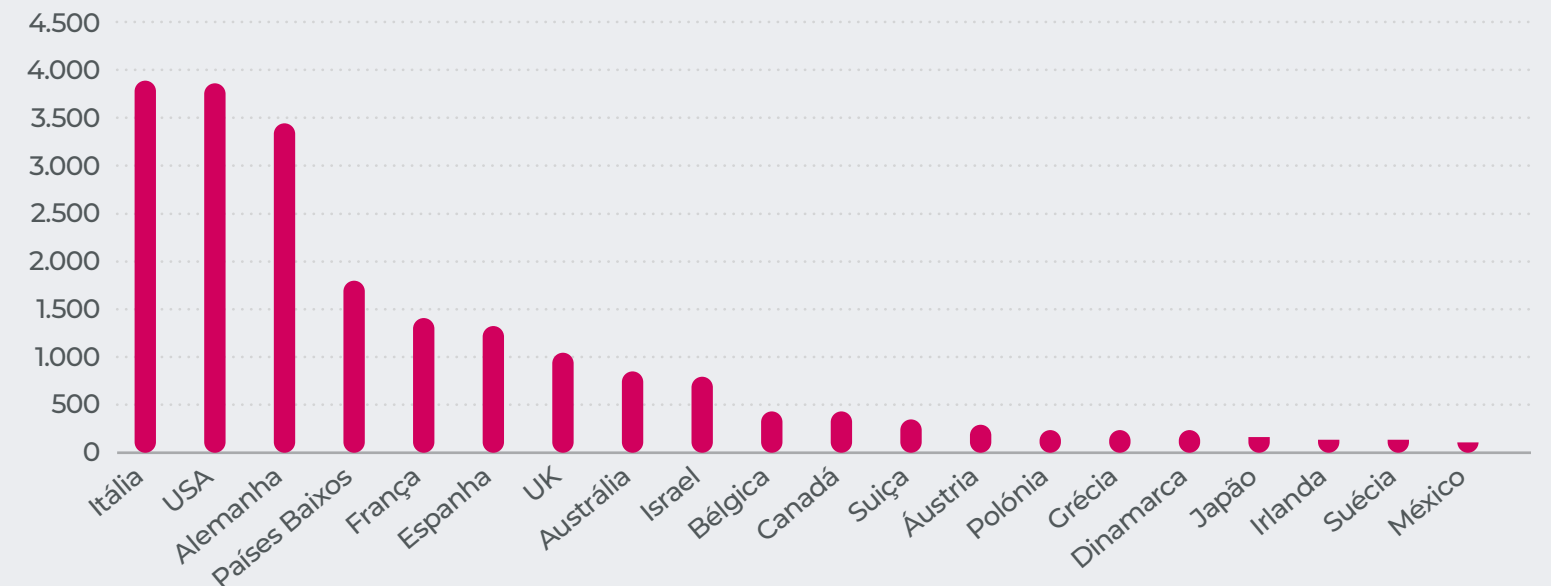
Os países onde o consumo de miolo de pinhão tem sido mais significativo são os mesmos nos últimos 5 anos, apesar de se verificarem algumas oscilações entre os anos analisados. Em 2021, Itália, Estados Unidos da América, Alemanha, Países Baixos e França constituem o *top 5* dos países que mais consumiram pinhão.



Consumo mundial estimado de Pinhão (ton)



Consumo de pinhão por país em 2021 (ton)

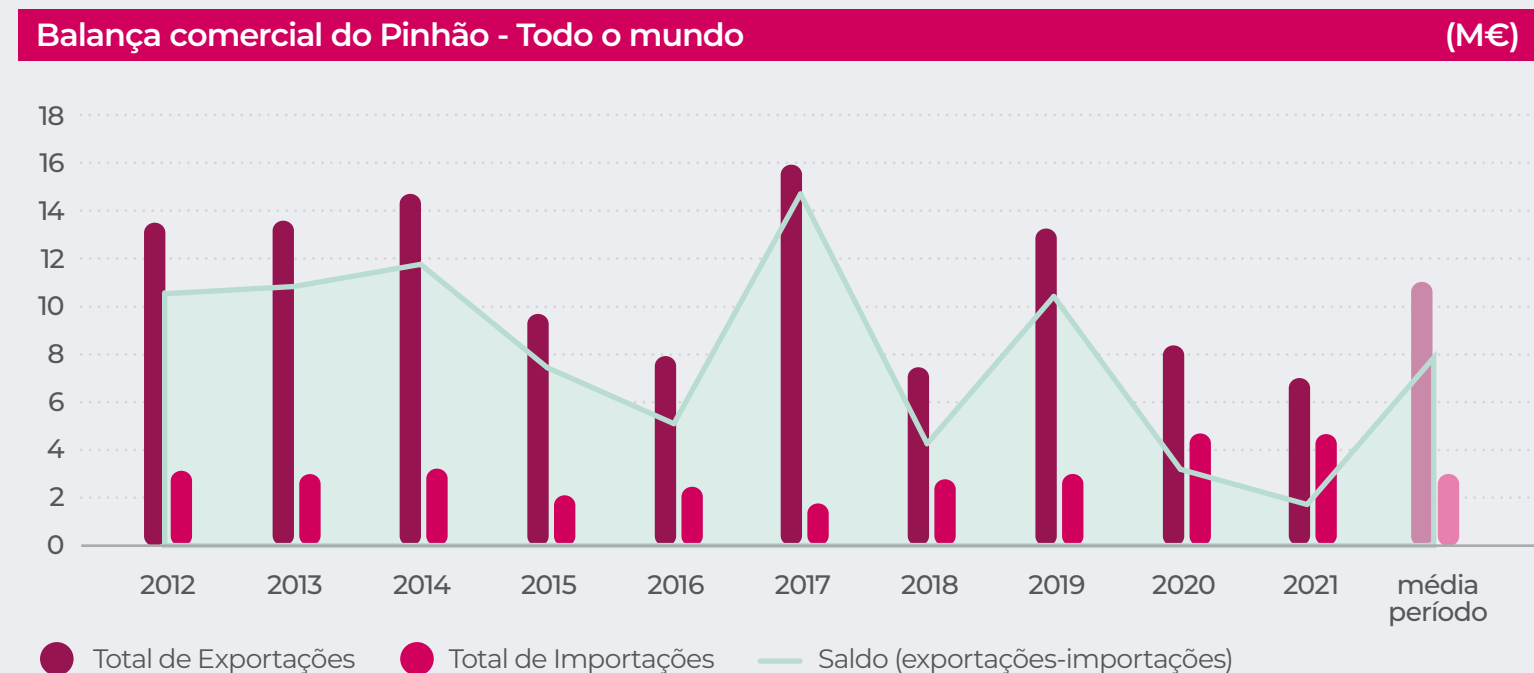


6. Comércio Internacional de Pinhões

6.1. Comércio internacional em valor (milhões de euros)

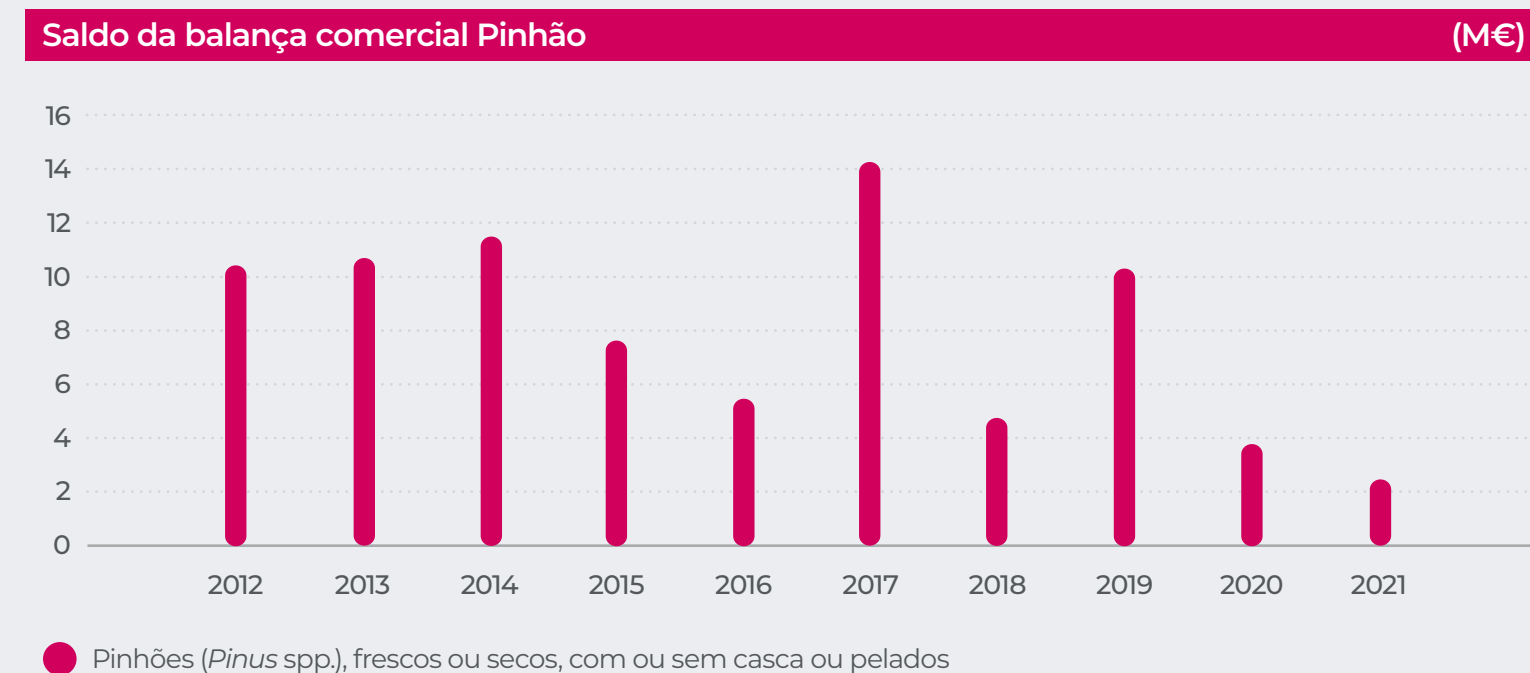
A análise do comércio internacional de pinhões com reporte a partir de Portugal considerou o código de Nomenclatura Combinada (CN8) 0802.90.50 “Pinhões (*Pinus* spp.), frescos ou secos, com ou sem casca ou pelados”. Os dados disponíveis no INE (Instituto Nacional de Estatística) apenas permitem uma análise de informação relativa ao comércio internacional de pinhões até ao ano de 2021.

Entre 2012 e 2021, o saldo da balança comercial em valor (M€) foi sempre positivo, atingindo em 2017 o valor máximo de 14 milhões de euros e um valor médio de 8 milhões de euros.



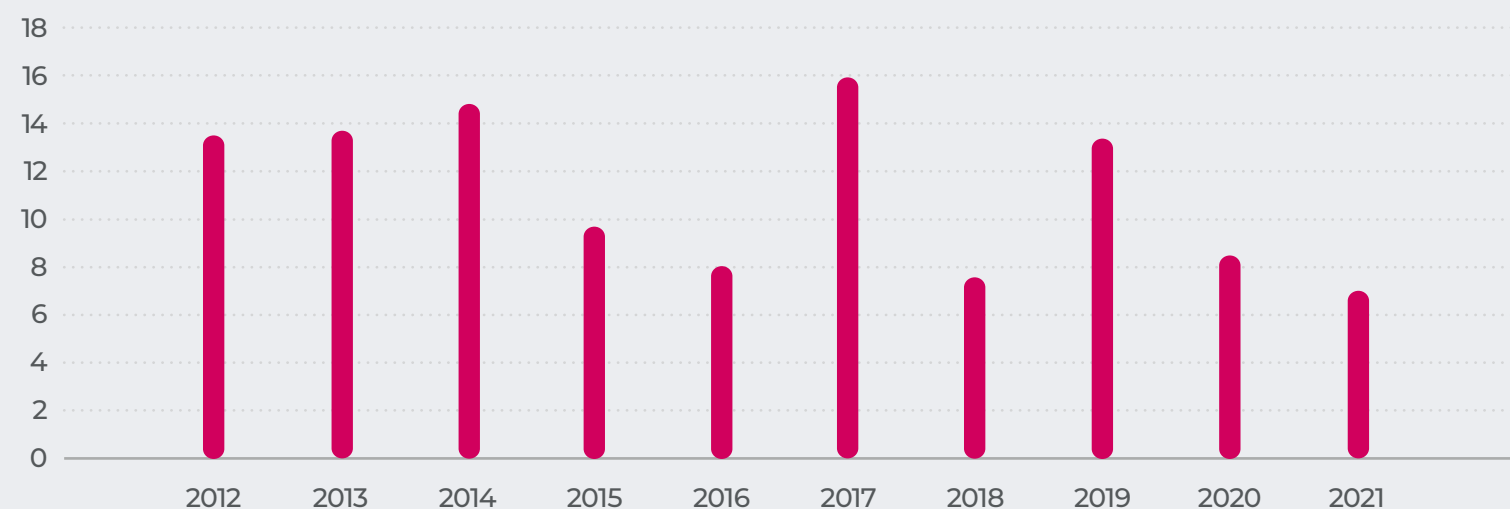
Neste mesmo período, a taxa de cobertura média foi de 366% (a relação entre exportações e importações de pinhão em Portugal é quase 4 vezes superior).

Em 2021, o valor da balança comercial de pinhões em Portugal atingiu os 2,4 milhões de euros e uma taxa de cobertura de 151%.



Exportações Nacionais

(M€)



As exportações de pinhões em Portugal em valor (M€) têm vindo a decrescer ligeiramente nos últimos 3 anos, tendo atingido em 2021 o menor valor de exportações de pinhão (7 milhões de euros) dos últimos 10 anos.

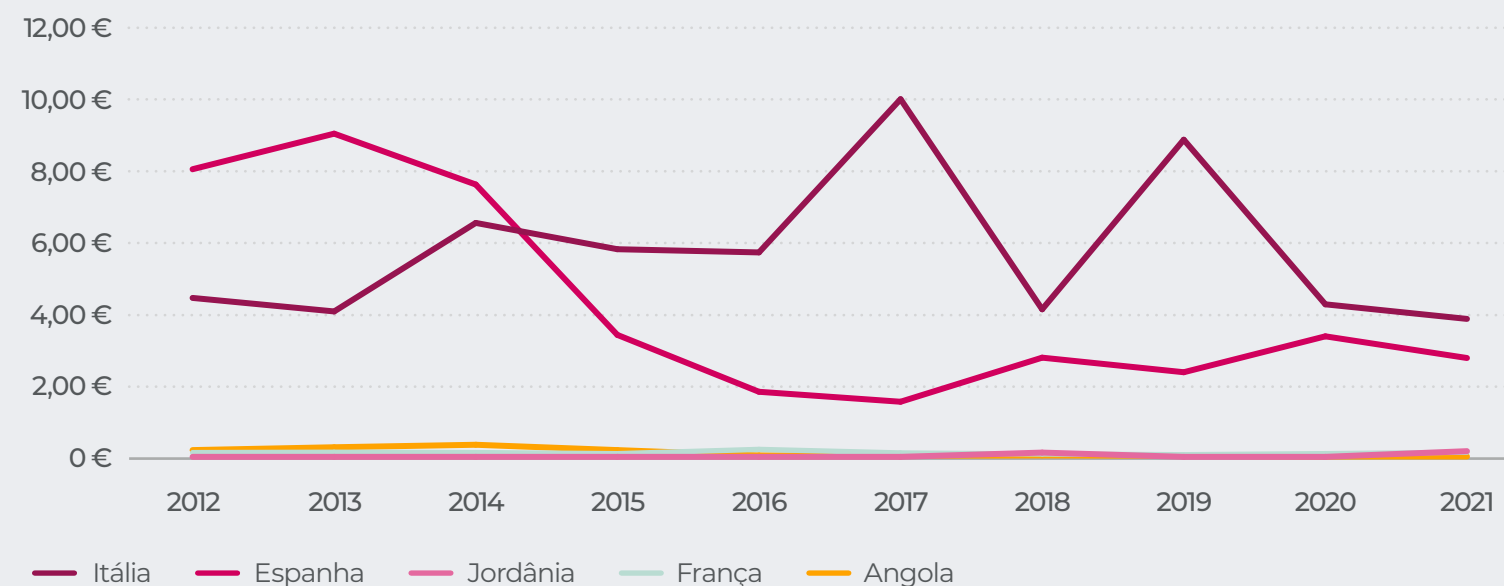
Em 2017 foi registado o maior valor de exportações de pinhão oriundo de Portugal, com 16 milhões de euros.

Os principais mercados de exportação de pinhões são a Itália, a Espanha, a Jordânia, a França e Angola.

Em 2021, os que mais se destacaram foram a Itália (3,88 milhões de euros) e Espanha (2,78 milhões de euros)

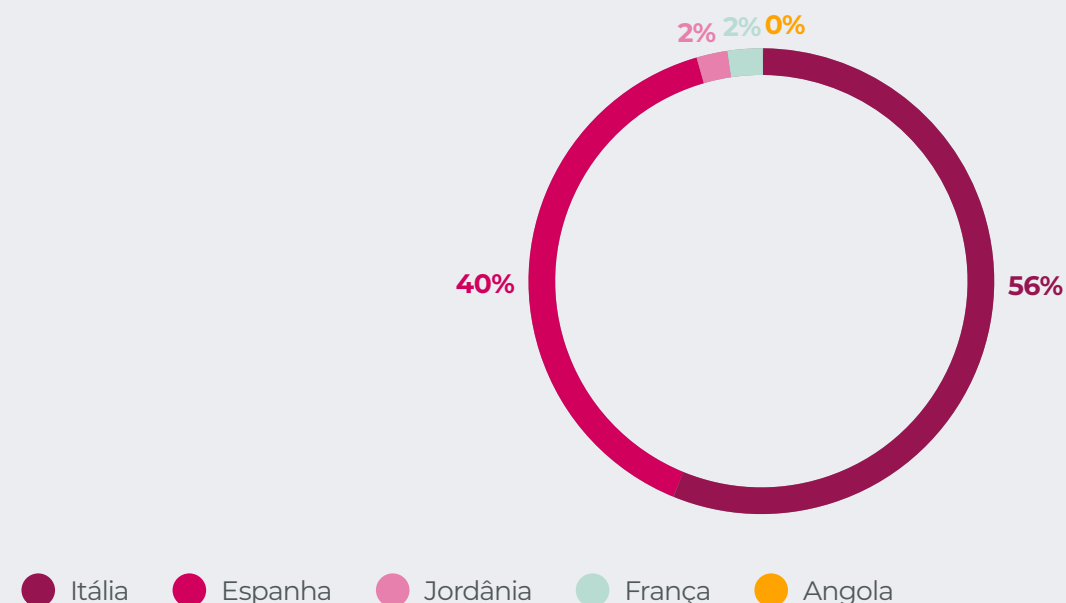
Exportações de Pinhão nos 5 principais mercados

(M€)



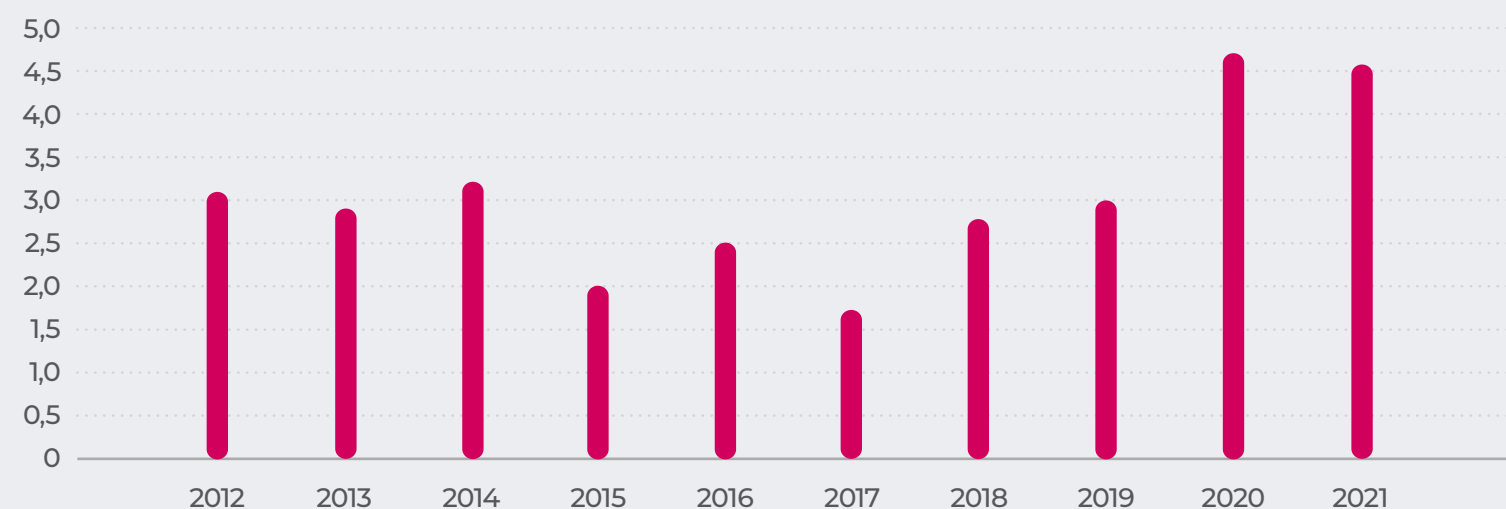
Principais mercados de exportação de Pinhão em valor (2021)

(%)



Importações Nacionais

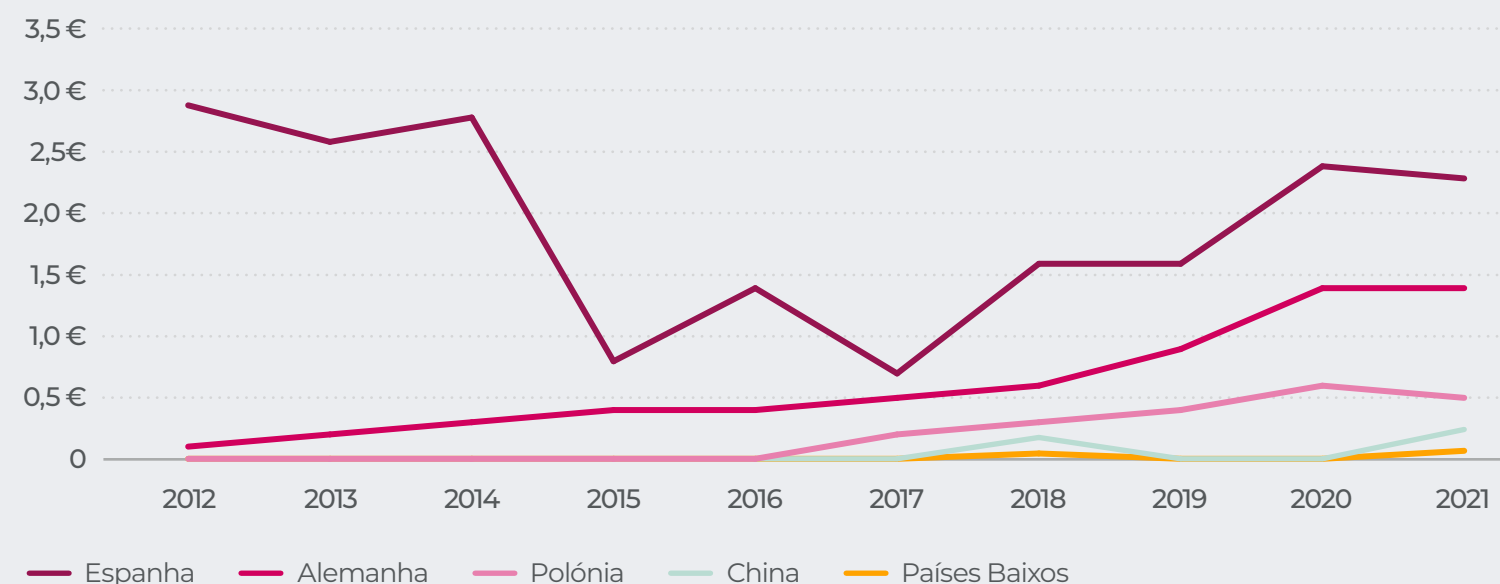
(M€)



● Pinhões (*Pinus* spp.), frescos ou secos, com ou sem casca ou pelados

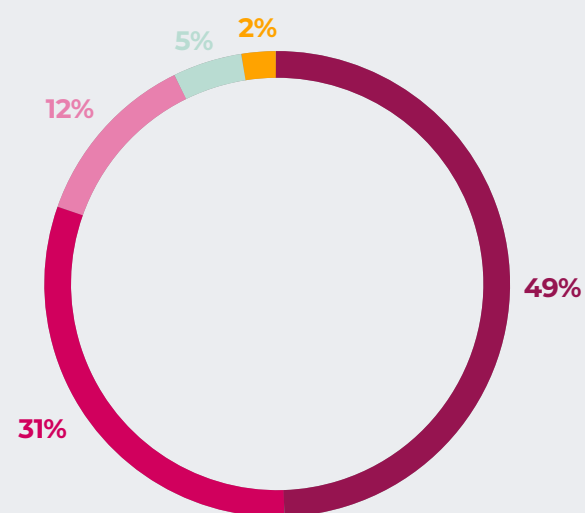
Importações de Pinhão nos 5 principais mercados

(M€)



Principais mercados de importação do Pinhão em valor (2021)

(%)



● Espanha ● Alemanha ● Polónia ● China ● Países Baixos

Relativamente às importações de pinhões para Portugal, registou-se nos últimos anos um crescimento ligeiro entre 2019 e 2021, com um pico em 2020 (valor de importações de pinhões de 4,7 milhões de euros).

No que respeita aos mercados de importação, Espanha é dos principais países aos quais Portugal importa pinhões de *Pinus* spp., seguindo-se a Alemanha e a Polónia. A China e os Países Baixos fecham o *top 5* de países importadores de pinhões.

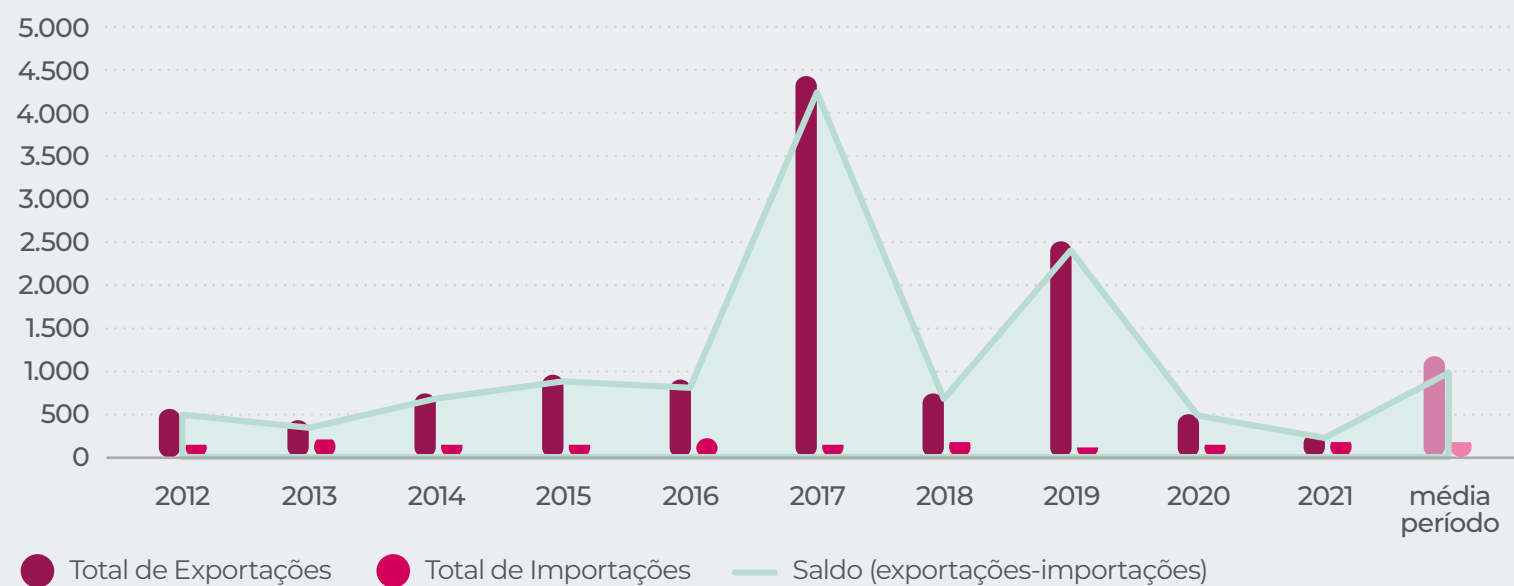
Em 2021, as importações de Espanha e da Alemanha atingiram os valores de 2,3 milhões de euros e 1,4 milhões de euros, respetivamente.

No pinheiro-mansinho quase tudo é valorizado. A sua madeira, pelas características – flexível, resistente e durável – é utilizada na indústria naval portuguesa, a sua casca é fonte de taninos e ainda é possível fazer recolha de resina. As pinhas podem também ser valorizadas como biomassa para energia.

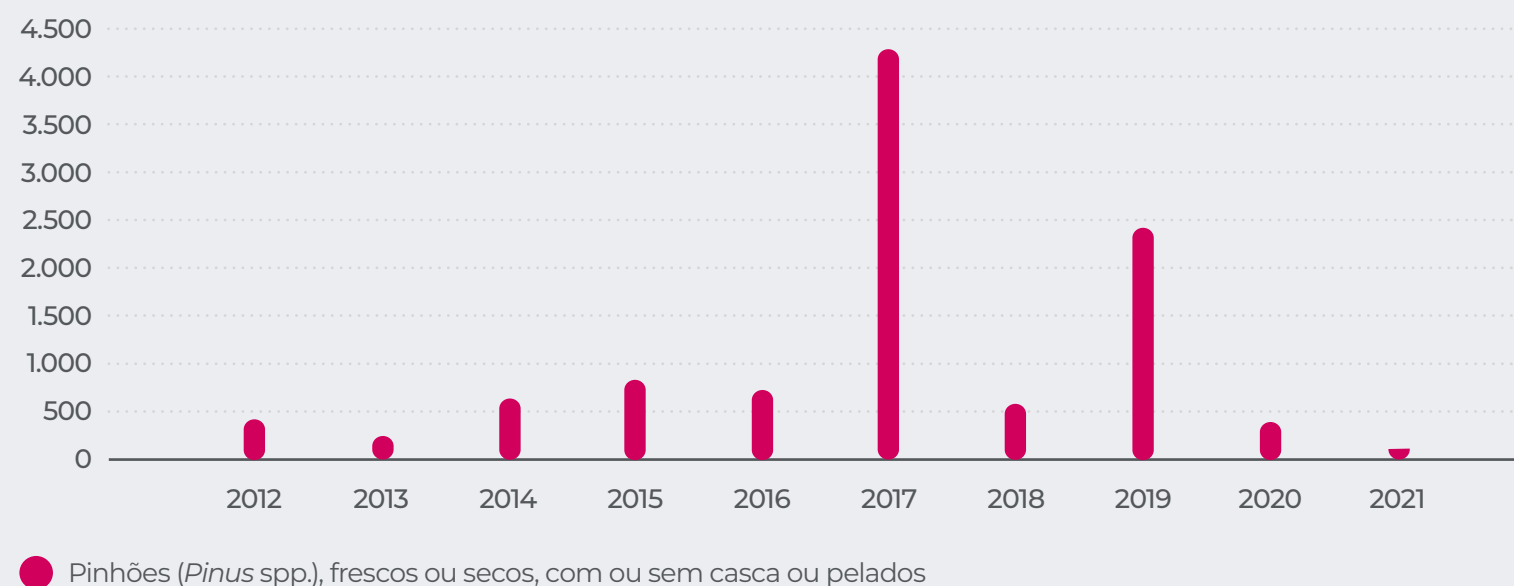
6.2. Comércio internacional em volume (toneladas)

Desde 2012 até 2021, o saldo da balança comercial relativo ao comércio de pinhões em volume (toneladas) foi sempre positivo, atingindo em 2017 o valor máximo de 4.283 toneladas. Em 2021, esse saldo atingiu o valor mínimo de apenas 68 toneladas, tendo-se registado um valor médio no período 2012-2021 de 1.029 toneladas.

Balança comercial Pinhão – Todo o mundo (ton)



Saldo da balança comercial do Pinhão (ton)



● Pinhões (*Pinus* spp.), frescos ou secos, com ou sem casca ou pelados



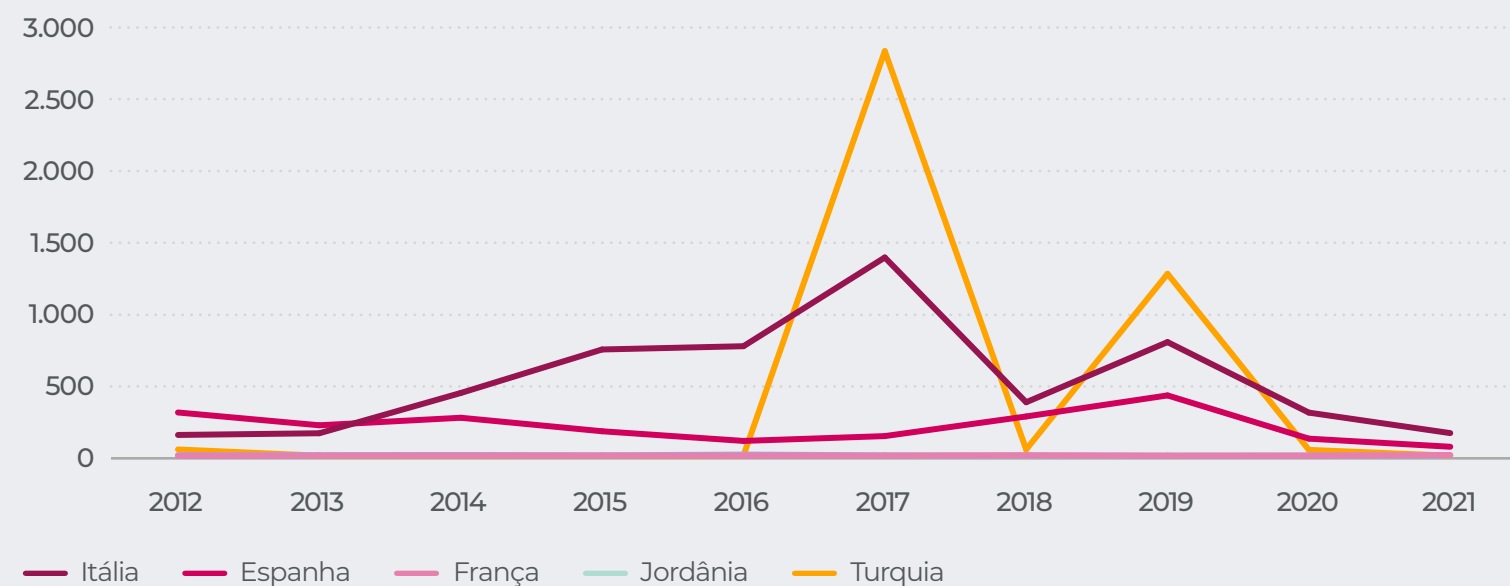
As exportações de pinhões de *Pinus* spp. em volume têm-se mantido ligeiramente constantes nos últimos anos, com exceção dos anos de 2017 e de 2019 nos quais se registaram picos de exportação em volume: em 2017 foram exportadas 4.430 toneladas de pinhões e em 2019 foram exportadas 2.516 toneladas de pinhões.

Os principais mercados de exportação de pinhões em volume são a Itália, a Espanha, a Jordânia, a França e a Turquia.

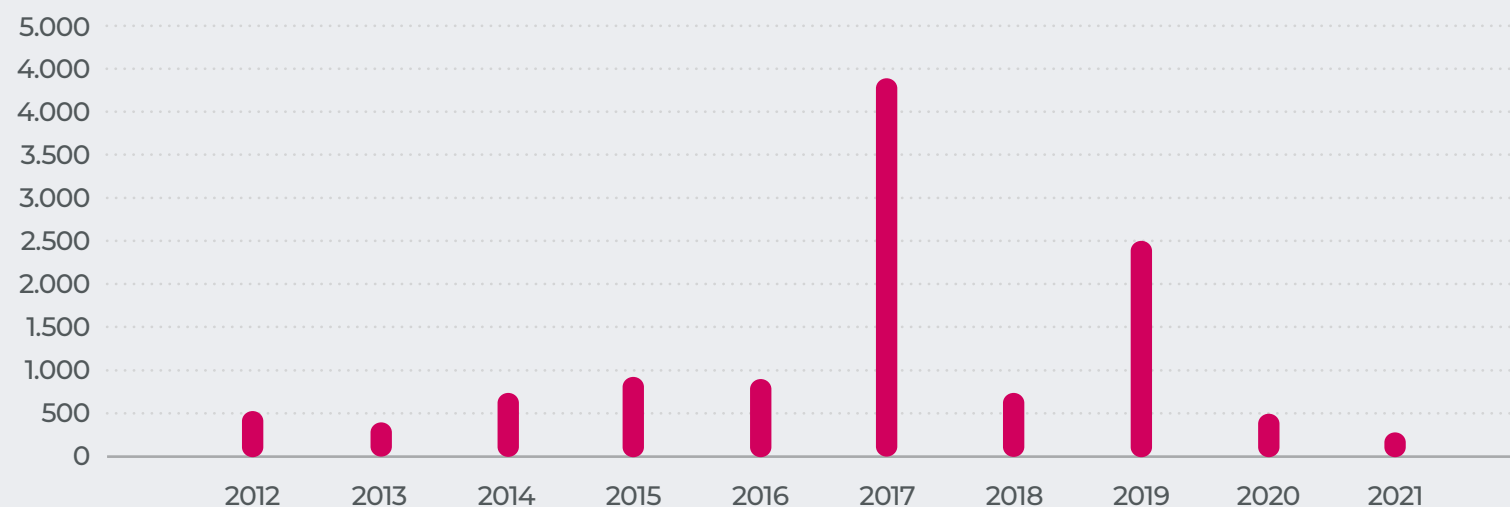
Em 2021, as exportações de pinhões em volume apresentaram a seguinte distribuição nos principais mercados:



Exportações de Pinhão nos 5 principais mercados (ton)

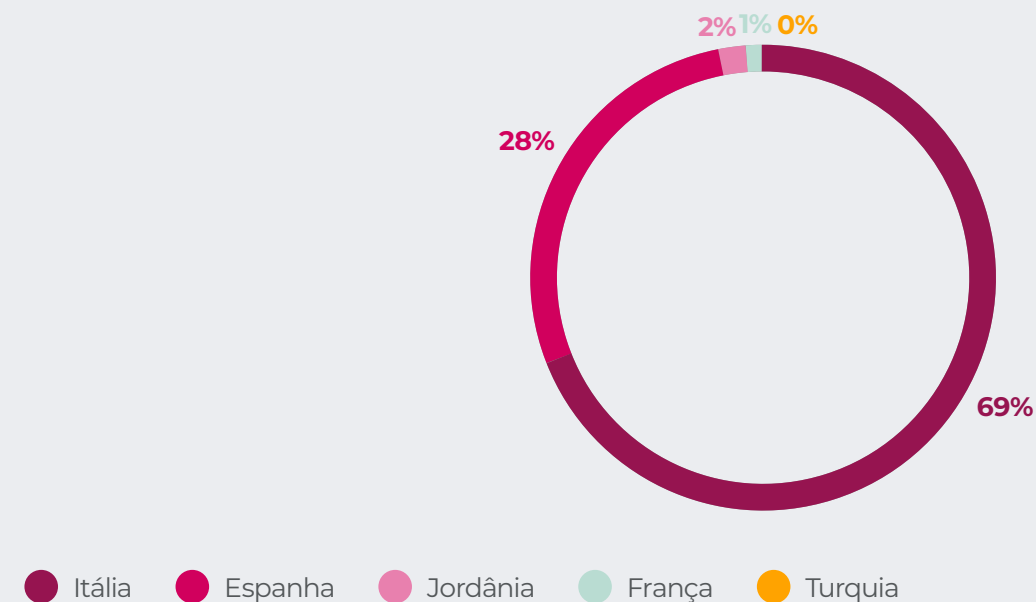


Exportações Nacionais (ton)



● Pinhões (*Pinus* spp.), frescos ou secos, com ou sem casca ou pelados

Principais mercados de exportação de Pinhão em volume (2021) (%)

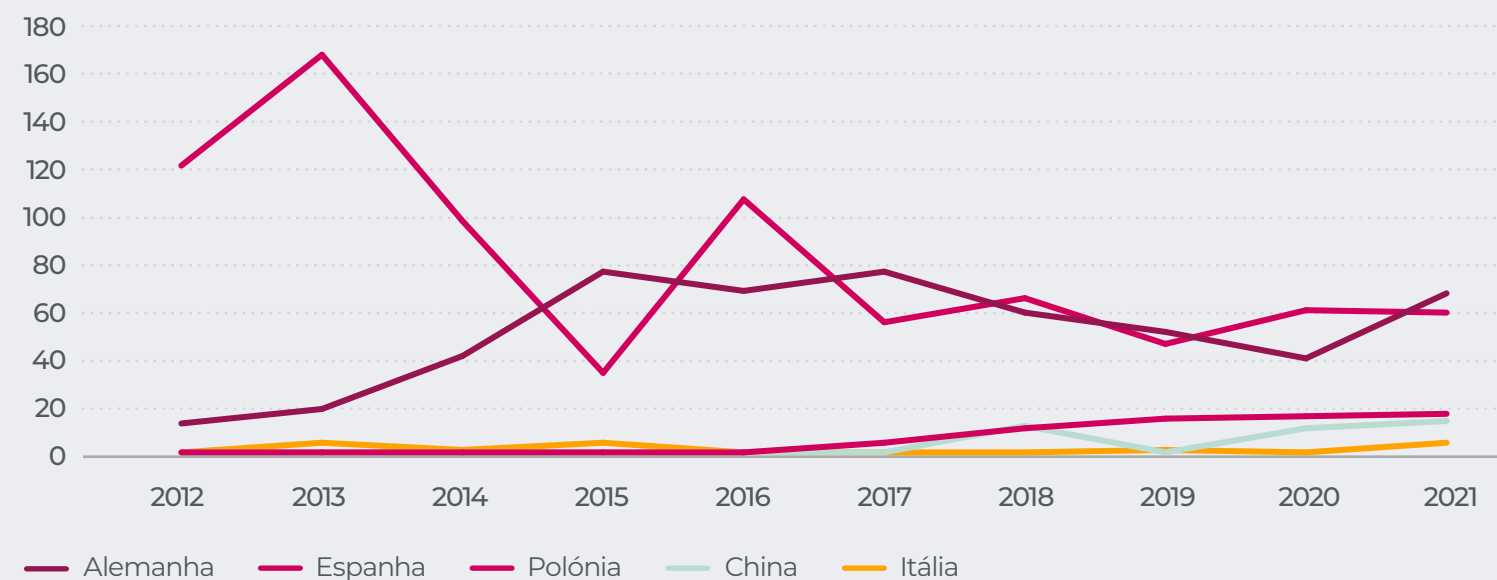


Relativamente às importações de pinhões em volume, registou-se um crescimento ligeiro entre 2019 e 2021, apesar da quantidade importada nestes anos ter sido inferior às quantidades importadas em 2016 (201 toneladas de pinhões) e em 2018 (168 toneladas).

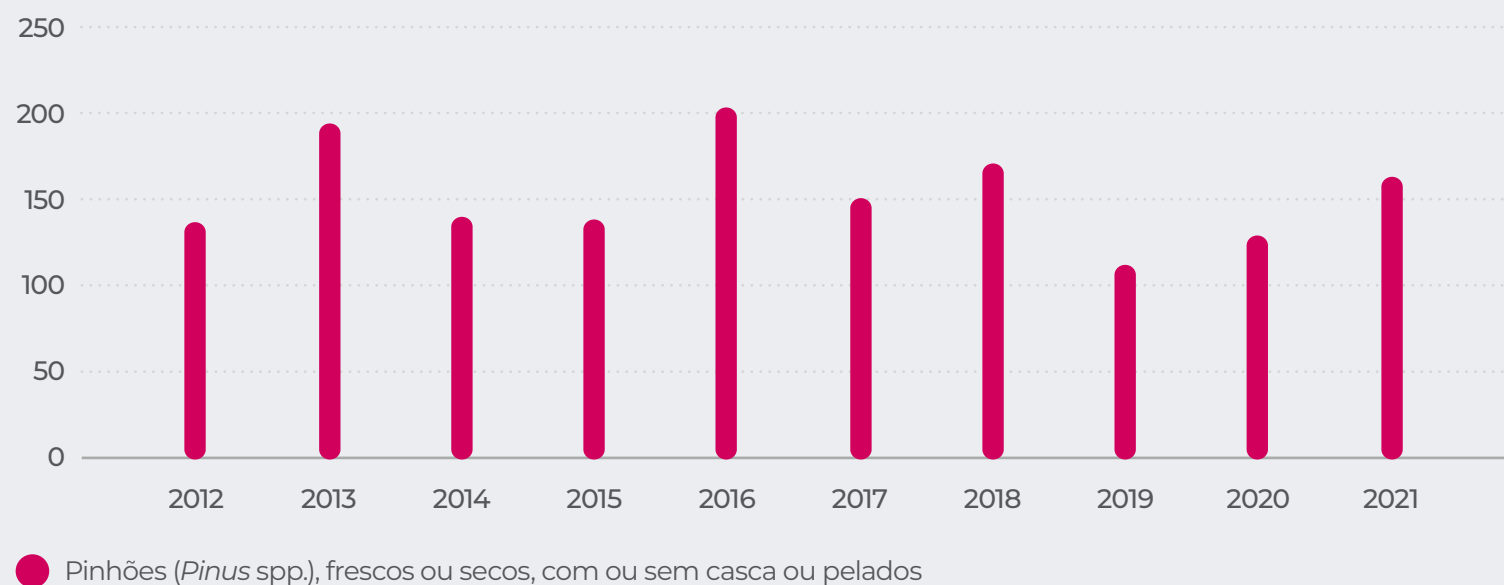
Os principais mercados de importação de pinhões (em volume) são a Alemanha, a Espanha, a Polónia, a China e Itália. Em 2021, os principais países aos quais Portugal importou pinhões de *Pinus spp.* (em volume) foram:



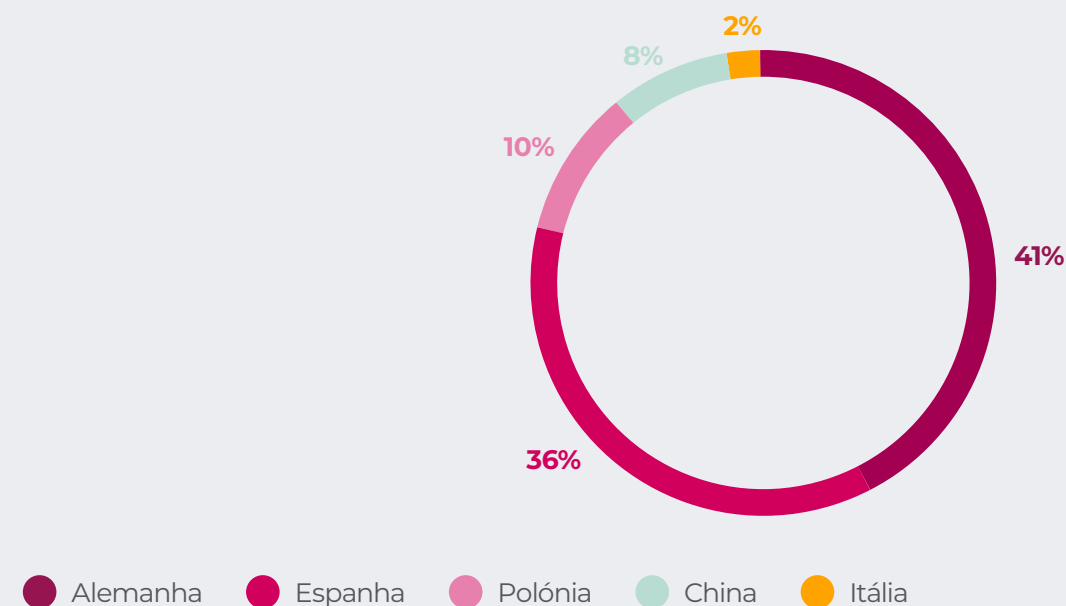
Importações de Pinhão nos 5 principais mercados (ton)



Importações Nacionais (ton)



Principais mercados de importação de Pinhão em volume (2021) (%)



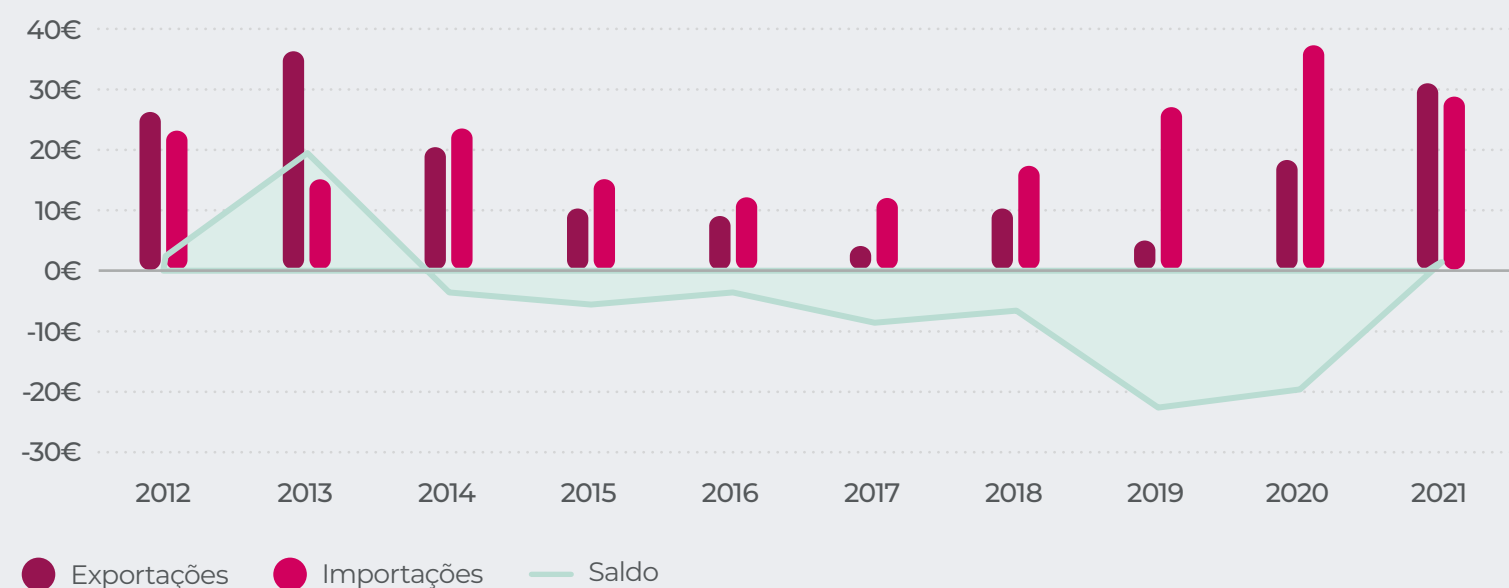
6.3. Comércio internacional: Valor unitário de comercialização (€/kg)

Analisando os valores e as quantidades associadas ao mercado internacional, foi possível determinar o valor unitário de comercialização de pinhões (€/kg) originários de Portugal.

Os resultados mostram que entre 2014 e 2020 os custos unitários das importações superaram os valores unitários das exportações, pelo que, neste período, o saldo unitário foi negativo.

Em 2021, observou-se uma ligeira recuperação do valor unitário das exportações de pinhões, apesar dos custos com as importações de pinhão neste ano (29 €/kg) corresponderem a 94% do valor unitário das exportações (30 €/kg).

Valor unitário de comercialização (€/kg)



A produção de pinhão é a principal fonte de rendimento desta espécie florestal, sendo atualmente uma das principais atividades económicas do setor florestal.



07. Outlook

O *outlook* relativo à produção de pinhão é muito condicionado por um conjunto de variáveis que afetam a fileira à escala global.

Por um lado, em termos sanitários, e enquanto a ação do *Leptoglossus* ainda não se encontra suficientemente conhecida, foi identificada recentemente uma nova praga do pinheiro-manso – *Toumeyella parvicornis* (cochonilha) –, que provoca a seca dos ramos inferiores da copa da árvore e a sua desfolha gradual, praga esta que está a levantar muitas preocupações. Refira-se que esta praga já foi identificada em Itália e em França, e que se encontra em rápida dispersão, sendo expectável que atinja a península ibérica mais cedo do que tarde.

Por outro lado, continuam a afirmar-se novas geografias produtoras de pinhão mediterrânico, com destaque para o Chile e para a Nova Zelândia. No Chile, o pinheiro-manso é numa cultura emergente (cerca de 4500 hectares plantados recentemente) com volumes de produção crescentes. Refira-se que, de acordo com a informação recolhida, o peso médio das pinhas nas plantações do Chile é superior ao peso que estas atingem na sua região nativa.

A produção mantém-se robusta na Turquia, que é o maior produtor de pinhão de pinheiro-manso em 2022/2023. Numa média de cinco

anos, a produção da Turquia e de Itália, em conjunto, já superaram a produção na Península Ibérica.

Em paralelo com estes desafios, o preço do pinhão mantém uma tendência em baixa nos mercados mundiais, (na Turquia, por exemplo, registou-se uma quebra de 60€/kg para 28€/kg), e continua a chegar ao mercado europeu o pinhão proveniente de outras espécies (nomeadamente do *Pinus koraiensis* e do *Pinus armandii*) e de outras geografias (especialmente do Oriente).

A título de exemplo, no mercado nacional, perspetiva-se para a campanha em curso um preço médio à produção da pinha a baixar (0,60 €/kg) e os custos de apanha a manterem-se nos níveis de anos anteriores 0,41 €/kg.

Rating atual³ com tendência a manter-se a médio prazo



³ Perspetiva global de investimento, válida até nova atualização

LEASING MOBILIÁRIO

A economia Portuguesa conta consigo, saiba que pode contar connosco.

Leasing Equipamentos é no Millennium bcp.

O investimento das PME's é a base de crescimento da economia nacional. E por esse motivo, queremos que saiba que dispomos das soluções adequadas à continuidade do negócio e incremento de competitividade.

O Leasing é uma excelente alternativa à aquisição de equipamentos necessários à atividade.

Importância da fileira do pinheiro-manso



O pinheiro-manso ocupa em Portugal continental cerca de 193.600 hectares, o que corresponde a 6% da área florestal nacional, numa tendência crescente desde que há inventário florestal (ocupava 35.000 ha em 1968, de acordo com o IFN1), distribuindo-se principalmente pela região sul do país (Alentejo e Algarve), com destaque para o concelho de Alcácer do Sal.

Em 47 anos, a área de pinhal manso instalado em Portugal cresceu mais de 158.000 ha, a maioria dos quais entre 1980 e 2005, facto ao qual não terão sido alheios os projetos de apoio ao investimento na florestação de terras agrícolas. Mas só este fator não explica o expressivo crescimento, até porque não se verificou a mesma tendência em outras espécies florestais cujo ponto de partida era similar ao do pinheiro-manso. Determinantes terão sido também o elevado interesse dos proprietários florestais, na expectativa de uma produção anual complementar, a pinha e a grande adaptabilidade do pinheiro-manso, em termos das condições de sobrevivência e desenvolvimento.

A capacidade desta espécie se instalar em zonas fora do seu ótimo ecológico, nomeadamente no Alentejo interior, onde as condições de aridez e desertificação são mais extremas, teve como benefício a conservação do solo nos últimos 20 anos em áreas de anterior uso agrícola, mas coloca hoje inúmeras questões em termos da viabilidade económica desses povoamentos, onde a produção de pinha ainda é inexistente, ou pelo menos incipiente.

Ciente da relevância do pinhal manso na área de intervenção das Associadas da UNAC, estivemos na génese do Centro de Competências do Pinheiro-manso e do Pinhão (CCPMP), em 2015, bem como na preparação da Agenda Portuguesa de Investigação do Pinheiro-manso e do Pinhão, onde o conjunto dos membros acordaram na definição de prioridades para a fileira em termos das lacunas de conhecimento.

A relevância desta iniciativa foi particularmente importante quando se verifica, de forma simplificada, a presença atual de três tipologias de povoamentos – pinhais mansos de regeneração natural (cuja disseminação se faz naturalmente

sem plantação ou sementeira pelo Homem), povoamentos mistos de pinheiro-manso com outras espécies, nomeadamente sobreiro e/ou pinheiro-bravo e plantações. A gestão destas áreas é necessariamente distinta, e implica níveis de intervenção silvícola e agronómica também diferentes, para os quais ainda não existe a informação técnica de base.

O maior avanço tecnológico ocorreu já no final da década de 90, do século passado, com a enxertia que veio permitir antecipar o início da produção dos 25 para os 8 anos. Em 2022, foram concluídos dois projetos de investigação, um dos quais dedicado à fertirrigação do pinhal manso em regadio e em sequeiro (grupo operacional FERTIPINEA) e outro dedicado às pragas e doenças que afetam a pinha (grupo operacional + PINHÃO). Estes projetos permi-

tiram o estabelecimento de recomendações racionais de fertilização, de ferramentas de monitorização do estado nutricional dos pinhais e um maior conhecimento do ciclo de vida das principais pragas e doenças presentes bem como algumas estratégias de monitorização e prevenção destes agentes.

Mas estes conhecimentos não permitiram ainda reverter a tendência de perda de produtividade que se tem verificado na última década nas áreas de pinhal manso, e que coloca em risco a viabilidade económica, quer ao nível da produção, quer na sustentabilidade da indústria. Não podemos esquecer que o pinhão mediterrânico representa uma fração diminuta quer no mercado dos frutos secos, quer no mercado internacional do pinhão com origem noutras espécies de pinheiros prove-

nientes de geografias distintas (China, Rússia, Paquistão) com maior potencial de ocupação e de substituição do pinhão mediterrânico no mercado.

A não valorização do pinhal manso, e principalmente do seu produto *premium* – o pinhão mediterrânico – ditará a sorte destas florestas no futuro. Urge investigar para potenciar a quantidade de pinha nas plantações, fazendo uso dos fatores de produção disponíveis e comumente utilizados nos pomares agrícolas (não esqueçamos que a pinha é considerada um produto agrícola ao abrigo do Anexo I do tratado da União Europeia), e trabalhar nas necessárias intervenções silvícolas em povoamentos adultos que permitam recuperar não só a produtividade, mas também a capacidade de regeneração natural, e po-

tenciar os serviços de ecossistema prestados, sejam eles na área do armazenamento de carbono, na conservação do solo e da água, ou na promoção da biodiversidade.



Conceição Santos Silva
Secretária-Geral



Pinha

Visão de um produtor



Falar sobre a produção de pinhas não é tarefa fácil. Fazê-lo sem enumerar os factos negativos que confrontam os produtores é ainda mais difícil. Tentei por isso sistematizar enumerando objetivamente os pontos que me parecem fundamentais. Em modo de introdução queria transmitir que há muito poucos produtores profissionais de pinhas no nosso país. Historicamente a pinha sempre foi vista como uma produção secundária e pouco merecedora de atenção. Quando havia produção vendiam-se os pinhais, normalmente em globo, ignorando o produtor qual a quantidade de pinhas produzidas. Ainda hoje, a maior parte dos produtores atuam desta maneira, convencidos de que o trabalho e o risco que implica uma produção mais profissional não é rentável. Entregam, por isso, a fase final da produção aos industriais e intermediários que dominam toda a logística da colheita.

Relativamente aos temas que parecem fundamentais na produção de pinhas, serão:

Gestão dos povoamentos – Neste ponto temos que pensar que o pinheiro-manso, sendo uma árvore muito adaptável, não produz da mesma maneira em qualquer lugar. É importante por isso respeitar a sua zona de produção e proporcionar à árvore as melhores condições de nutrição e crescimento possíveis. Questões

como a densidade e distribuição no terreno podem ser importantes para a insolação e polinização das mesmas. Nunca esquecer que as pinhas desde a sua formação até à maturação levam sensivelmente três anos, pelo que é importante manter a árvore sempre nas melhores condições. Este facto é também muito importante para evitar ao máximo os problemas fitossanitários;

Enxertia – Esta técnica, recente, que permite replicar em jovens árvores as árvores melhor produtoras, e, além disso encurtar bastante a sua entrada em produção, está hoje bastante disseminada, sendo obrigatória numa produção moderna. Neste momento temos dois problemas associados a esta técnica: um, à semelhança do que se passa noutros trabalhos, é a falta de mão-de-obra especializada, outro é a falta de diferenciação do material vegetativo utilizado. Inicialmente, foi identificado um conjunto de árvores muito boas produtoras. As mesmas foram replicadas em parques clonais, sendo que a produção do material vegetativo destes parques tem sido utilizada, há vários anos, na enxertia dos jovens povoamentos. A não identificação de novas árvores produtoras leva a que haja uma replicação muitas vezes repetida do material genético da mesma árvore, baixando assinalavelmente a variabilidade genética da espécie;

Fitossanidade – O problema das pragas e doenças têm vindo a agravar-se nos últimos anos. Por um lado, temos a entrada de novos organismos vindos do exterior que provocam danos na cultura, por outro lado, as pragas e doenças, desde sempre existentes, aumentaram as populações e a severidade dos ataques. Pensa-se que este facto será influenciado pelas alterações climáticas. Os meios de luta para combater estes patógenos são praticamente inexistentes devido à falta de homologação. Também a sua aplicação é problemática, sendo as aplicações aéreas uma exceção, restam os pulverizadores de turbina que não são habituais. A armadilhagem, recorrendo a atrativos, também está bastante limitada por falta dos mesmos;

Colheita – A problemática da colheita tem vindo a agravar-se, nos últimos tempos, devido à falta de mão-de-obra e ao aumento e aplicação das regras de segurança no trabalho. Há alguns anos a colheita mecânica foi desenvolvida com recurso a vibradores. No entanto, os principais utilizadores destas técnicas acabaram por ser os prestadores de serviços, ligados aos intermediários em detrimento dos produtores. Acontece que a utilização destas máquinas tem que ser muito criteriosa e em épocas muito definidas do ano. A utilização das máquinas por agentes externos à produção levou a um menor cuidado no manuseamento das mesmas o que, muitas vezes, provocou danos nos povoamentos e conseqüente abandono desta prática. No entanto, parece-me que, no futuro, este será o caminho mais óbvio para a realização deste trabalho;

Verticalização – A verticalização da cadeia da pinha/pinhão não é novidade. No passado, através das Cooperativas de produtores, era realizada toda a cadeia entre o produtor e o consumidor, havendo ganhos de rentabilidade assinaláveis. Por circunstâncias várias tudo isso se perdeu. Hoje, já há algumas experiências de produtores fazerem algumas fases da transformação de pinhas em pinhão negro, com bons resultados. Também a concentração da produção já foi promovida com resultados igualmente positivos. Estes são assuntos que poderão, futuramente, assumir um papel importante no aumento de rentabilidade do produtor;

Furtos – A questão dos furtos, a par com a economia informal, é um problema histórico. Desde sempre, e talvez devido à secundarização desta produção, os furtos foram uma constante, assumindo ser quase um hábito a que o produtor está sujeito. Estes factos levam a que muitos produtores vendam a pinha na árvore para transferir este problema para o comprador. O Estado tem produzido alguma legislação e registos para tentar controlar o problema. No entanto, a falta de aperfeiçoamento dos mesmos torna-os facilmente contornáveis, o que aliado à falta de fiscalização torna esta questão num verdadeiro quebra-cabeças para os produtores;

Mercados – A questão dos mercados é de crucial importância. O pinhão é por natureza um produto caro e por isso com um mercado de consumo reduzido, estando a produção do pinhão de *Pinus pinea* centrado na região da bacia mediterrânica e sendo este um produto

de alta qualidade e preço, temos o problema da concorrência de pinhão de espécies diferentes, de menor qualidade e a menor preço, originário de países asiáticos. A irregularidade de produções, ao longo dos anos e entre regiões, provoca muitas vezes oscilações nos preços dos produtos, que são dificilmente previsíveis. Esta aleatoriedade é prejudicial e provoca muitas vezes fenómenos de especulação e de preços artificiais a que se seguem quedas abruptas dos preços. Tudo isto é negativo para a fileira, provocando convulsões e falta de confiança.

A descrição aqui apresentada, embora possa parecer negativa em alguns pontos, encerra também um conjunto assinalável de oportunidades.

Nunca podemos esquecer que temos em mãos um produto único, de altíssima qualidade, e que, malgrado os altos preços que atinge no mercado, continua a ter procura. Há por isso que continuar a trabalhar no sentido da melhoria das condições de produção e da valorização deste fruto, que pode dar rentabilidade a vastas áreas de solos pobres, de forma sustentável, o que será de capital importância para todos os agentes associados desta fileira.



Pedro Silveira



A pinha é um produto único e de altíssima qualidade, é por isso necessário continuar a trabalhar no sentido da melhoria das condições de produção e da valorização deste fruto, que pode, de forma sustentável, dar rentabilidade a áreas de solos pobres.

Indústria da Pinha e do Pinhão



Introdução

O setor do processamento das pinhas de pinheiros-mansos até à obtenção do miolo do pinhão em Portugal entrou numa crise profunda desde, sensivelmente, 2017. As principais causas do deterioramento deste setor, que contribuía fortemente para as exportações de Portugal, devem-se essencialmente à constante quebra de produção, à grande variabilidade de qualidade de matérias-primas, à incapacidade de se distribuir as maiores valias de forma equitativa por todos os intervenientes no setor e, principalmente, à indiferenciação comercial do pinhão mediterrânico face a outros tipos de pinhões com características organoléticas e nutricionais completamente distintas.

Processamento industrial

As pinhas da espécie *Pinus Pinea* após serem colhidas são colocadas em eiras e quando são atingidas temperaturas superiores a 30°C (usualmente a partir de junho), aqui acabam por abrir naturalmente devido ao calor produzido pelo Sol.

Posteriormente, inicia-se o processo fabril que, numa primeira fase, consiste em retirar o pinhão negro das pinhas. Para tal, as pinhas são encaminhadas para um cilindro rotativo que consegue extrair uma parte significativa do pinhão negro, sendo as pinhas encaminhadas de seguida para um triturador, que através de um peneiro vibratório consegue separar o restante pinhão negro das cascas das pinhas (biomassa).

A fase seguinte consiste em extrair o miolo do pinhão do pinhão negro. Este processamento é complexo e requer um controlo rigoroso em termos de segurança alimentar. Tudo se inicia com imersão em água dos pinhões em casaca, sendo depois encaminhados para um túnel de calor



Quando falamos do pinhão é preciso fazer a distinção entre o miolo de pinhão nacional ou mediterrânico, e que é obtido a partir da semente da pinha, fruto do pinheiro-manso (*Pinus Pinea*), e o miolo de pinhão asiático pois, apesar de apresentar um aspeto semelhante, tem origem noutra espécie de pinheiro (*Pinus gerardiana*).

onde a casca do pinhão estala devido ao choque térmico. Segue-se o processo de projeção do pinhão contra uma parede de aço, que dada a fragilidade da casca do pinhão a mesma parte e o miolo do pinhão que se encontra húmido e flexível resiste ao impacto. Nesta fase da operação obtém-se uma mistura de miolo de pinhão (categoria A e B), cascas de pinhão e ainda pinhão negro por partir. Este último é separado dos restantes e refaz o processo de projeção de uma forma mais intensa, enquanto que o miolo de pinhão e as cascas são encaminhados para um peneiro para separar o miolo de pinhão das respetivas cascas. De seguida, inicia-se o processo do acabamento do produto. Aqui o miolo é lavado e posteriormente seco num secador para efetuar o processo de pasteurização e, simultaneamente, repor os níveis adequados de humidade do produto. Após o pinhão ser arrefecido o mesmo é escovado para retirar a película que alguns pinhões ainda contêm nesta fase, dando ainda um brilho acrescido ao produto. Por fim, e com recurso a selecionadoras óticas, o pinhão é separado por classes de qualidade. A categoria A é direcionada para o cliente final, enquanto que a categoria B é utilizada usualmente nas pastelarias.

Para concluir todo o processo, o último passo consiste no embalamento do produto nas embalagens com quantidades que podem variar desde 50gr até 20kg.

Conclusões

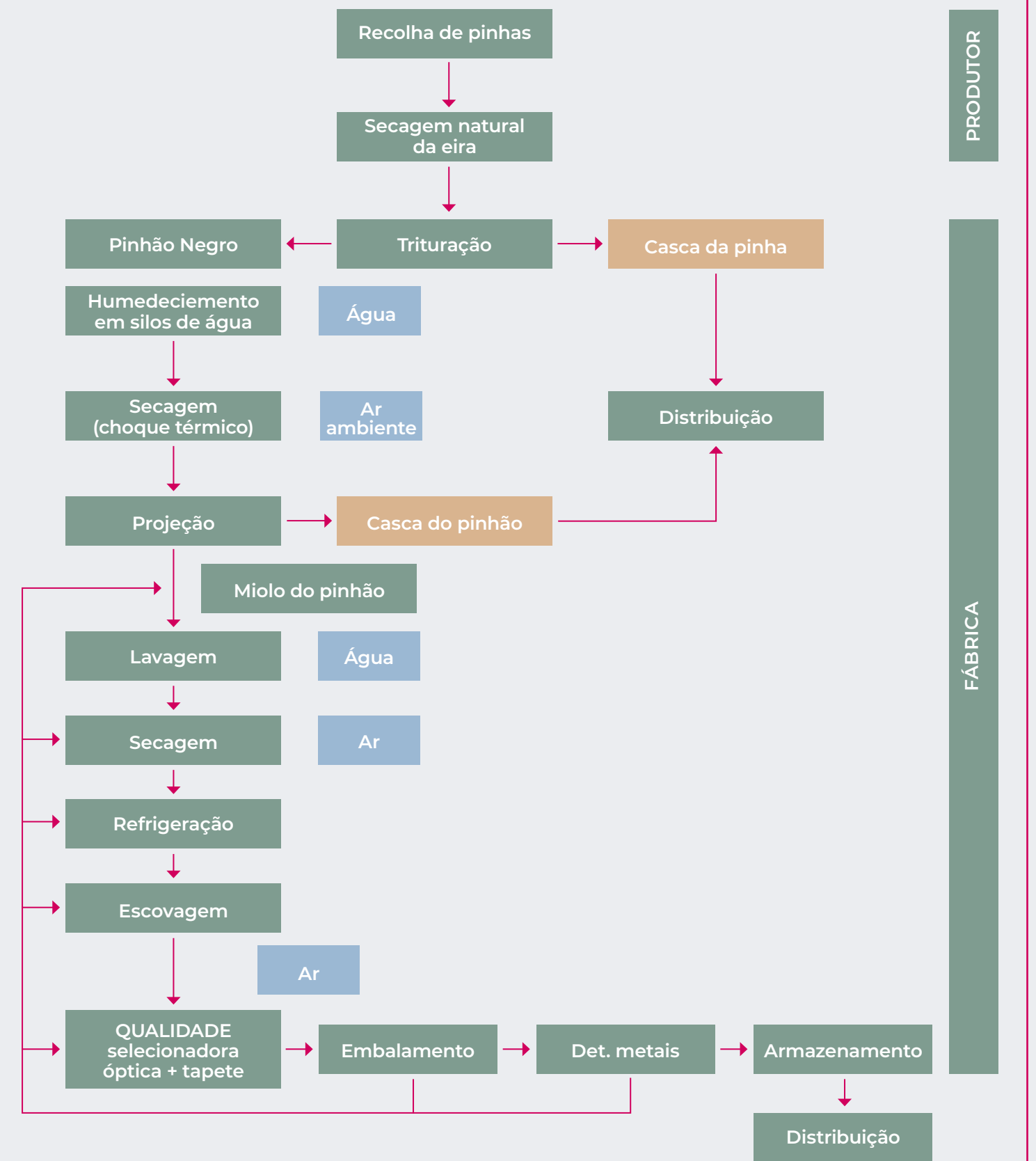
Embora o miolo de pinhão seja um produto com um elevado valor acrescentado, existia um reconhecimento tácito relativamente às suas características únicas, perante os seus consumidores. No entanto, nos últimos anos temos assistido à perda da identidade do pinhão mediterrânico com outros tipos de pinhão, como por exemplo o chinês e o siberiano. Tratando-se de produtos oriundos de outras espécies de pinheiros com escalas de produção e processamentos completamente distintos, será sempre uma impossibilidade existir uma concorrência direta com estes produtos. A incapacidade europeia e mundial em diferenciar de forma expressiva estes produtos perante o consumidor final conduziu a uma constante quebra na procura do pinhão mediterrânico, que por consequência tem prejudicado significativamente toda a fileira.

A produção de pinhão é a principal fonte de rendimento do pinheiro-manso (*Pinus Pinea*), sendo um produto de elevada qualidade, e é uma das principais atividades económicas do setor florestal.



Pedro Amorim

Fluxograma genérico de fabrico



PORTUGAL 2030

“Ir com tudo”

É agora. Passe das palavras à ação.



Conte com o Millennium na candidatura ao Portugal 2030 e aumente a competitividade, inovação e sustentabilidade da sua empresa.

Saiba mais em millenniumbcp.pt
Banco Comercial Português, S.A.

Millennium
bcp Empresas

Millennium bcp *sponsor* na 2.^a Edição do Lisbon AGRI CONFERENCES

Depois do sucesso inaugural, em 2021, o Centro de Congressos de Lisboa acolheu a 2.^a edição do Lisbon AGRI CONFERENCES, que decorreu nos dias 23 e 24 de novembro, e que juntou, presencialmente, cerca de 900 convidados ao longo dos dois dias de sessões.

O objetivo renovado de juntar *stakeholders* de toda a cadeia agroalimentar para refletir a temática do *agribusiness* de uma forma global e de futuro, dando particular foco aos desafios da sustentabilidade e das alterações climáticas, foi plenamente atingido com excelentes intervenções de reconhecidos protagonistas nacionais e estrangeiros.

O Millennium bcp voltou a ser um dos principais *sponsors* do evento, apresentando-se aos convidados com o seguinte Manifesto: "O Millennium bcp é o principal Banco privado, em Portugal, com uma forte presença em todos os setores da economia e, como tal, não pode deixar de ambicionar ser um

grande *stakeholder* do setor primário. Pela sua natureza, abrangência e dimensão estratégica, acreditamos genuinamente que os complexos agroalimentar e agroflorestal podem dar um contributo decisivo para o desígnio de um mundo mais equilibrado e com inequívoca Sustentabilidade. Estamos a dar passos significativos para, também no Millennium bcp, podermos corresponder a este novo paradigma societário e para esta aspiração geracional.

Com proximidade aos nossos Clientes, assistidos com conhecimento técnico e científico e, fundamentalmente, com a agilidade de entender que cada projeto tem uma identidade singular que merece o nosso maior cuidado, queremos continuar a desenvolver parcerias com um setor dinâmico, resiliente e constantemente atento para a modernidade.

Alinhados com as ambições globais de ESG e profundamente comprometidos com os



nossos Clientes, desejamos progredir na sustentabilidade financeira, que nos é também exigida, para construir negócios cada vez mais *green*.

Temos a responsabilidade histórica de ter contribuído para a transformação do perfil do sistema financeiro em Portugal. Não

deixaremos de estar, uma vez mais, à altura das nossas responsabilidades!

Neste contexto, o Lisbon AGRI CONFERENCES constitui uma excelente oportunidade para reafirmar a parceria do Millennium bcp com a moderna e dinâmica agricultura portuguesa."

FACTORING E CONFIRMING

Adianta sempre vir ao Millennium

Adiante o recebimento das suas faturas e o pagamento aos seus fornecedores.

Saiba mais em millenniumbcp.pt
Banco Comercial Português, S.A.

Millennium
bcp Empresas

A informação contida nesta newsletter tem caráter meramente informativo e particular, sendo divulgada aos seus destinatários como mera ferramenta auxiliar, não devendo nem podendo desencadear ou justificar qualquer ação ou omissão, nem sustentar qualquer operação, nem ainda substituir qualquer julgamento próprio dos seus destinatários, sendo estes, por isso, inteiramente responsáveis pelos atos e omissões que pratiquem. Assim e apesar de considerar que o conjunto de informações contidas nesta newsletter foi obtido junto de fontes consideradas fiáveis, nada obsta que aquelas possam, a qualquer momento e sem aviso prévio, ser alteradas pelo Banco Comercial Português, S.A. (“Millennium bcp”). As perspetivas e tendências indicadas nesta newsletter correspondem a declarações relativas ao futuro baseadas numa multiplicidade de pressupostos e, como tal, envolvem riscos, incertezas e outros fatores que poderão determinar que os resultados efetivos, desempenho ou a concretização de objetivos ou resultados do setor sejam substancialmente diferentes daqueles que resultam expressa ou tacitamente desta newsletter. Por conseguinte, não pode, nem deve, pois, o Millennium bcp garantir a exatidão, veracidade, validade e atualidade do conteúdo informativo que compõe esta newsletter, pelo que a mesma deverá ser sempre devidamente analisada, avaliada e atestada pelos respetivos destinatários. Neste sentido, o Millennium bcp não assume a responsabilidade por quaisquer eventuais danos ou prejuízos resultantes, direta ou indiretamente, da utilização da informação referida nesta newsletter, independentemente da forma ou natureza que possam vir a revestir. A reprodução desta newsletter não é permitida sem autorização prévia.

Millennium
bcp Empresas

91 850 45 04 • 93 050 45 04 • 96 150 41 26 (chamada para rede móvel nacional) • + 351 21 004 24 24

(chamada para rede fixa nacional) • Atendimento personalizado disponível todos os dias das 08h às 22h, hora de Portugal Continental.

O custo das comunicações depende do tarifário acordado com o seu operador. Banco Comercial Português, S.A.; Sede: Praça D. João I, 28, 4000-295 Porto; Capital Social: 3.000.000.000 euros; Número único de matrícula e de identificação fiscal: 501525882 (Conservatória do Registo Comercial do Porto).